

# A Vingança de Agamenom

Edição da tradução portuguesa de

Anrique Ayres Victoria

Joana Tinoco Silva

Coordenação de Ângela Correia



Faculdade de Letras  
Universidade de Lisboa

Junho de 2008

# ÍNDICE

## **Nota do editor**

Nota editorial

Elementos biográficos

Sófocles

Anrique Ayres Victoria

Francisco Maria Esteves Pereira

Referências bibliográficas

## **Transcrição**

[Capa]

Parecer

[Nota do editor]

Prólogo

A Vingança de Agamenom.

A tragédia «Electra», de Sófocles.

Versão castelhana da «Electra», de Sófocles.

Origem da Tragédia Portuguesa.

Métrica da tragédia.

Valor literário da tragédia.

Autor.

Representação teatral da tragédia.

História do paleótipo da tragédia.

Descrição do paleótipo.

Abreviaturas.

Particularidades gráficas.

Sinais de pontuação.

Revisão das provas da impressão do paleótipo.

Palavras raras.

Título da tragédia.  
Impressão.

## Tragédia

[Frontispício]

Prologo.

A morte de Agamenom.

Argumento da presente tragedia.

Interlocutores.

Sena primeira

Sena segunda

Sena terceira

Sena quarta

Sena quinta

Sena sexta

Sena setima

Exortaçam do autor aos lectores.

## Variantes do paleótipo

## Nota editorial

A presente edição foi elaborada a partir da edição de *A Vingança de Agamenom. Tragédia de Anrrique Ayres Victoria. Conforme a Impressão de 1555*, preparada por Francisco Maria Esteves Pereira e publicada pela Academia das Ciências de Lisboa, em 1918, na colecção Monumentos da Literatura Dramática Portuguesa.

A obra editada por Esteves Pereira não é um texto original de Anrrique Ayres Victoria, mas uma tradução / adaptação da *Electra* de Sófocles, informação que é parcialmente fornecida no frontispício da obra.

A escolha pela publicação desta edição em suporte electrónico na Internet prendeu-

se com o facto de a tragédia editada por Esteves Pereira ser praticamente desconhecida do grande público. Pretendemos, assim, dar a conhecer uma obra renascentista da literatura portuguesa, pois, apesar de *A Vingança de Agamenom* ser uma tradução / adaptação de uma tragédia grega, não lhe faltam características distintivas das obras renascentistas. Esta obra constitui, na verdade, um dos primeiros exemplos das traduções humanistas que se fizeram em Portugal, no século XVI.

A nossa escolha foi também influenciada pelo facto de não se encontrar nenhum exemplar, em estabelecimento público, das edições quinhentistas. Acresce que também

a edição de Esteves Pereira é de difícil acesso<sup>\*1</sup>.

A presente edição foi preparada a partir do exemplar existente na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Centro de Linguística (cota: Lit. P 36). Este encontra-se incluído numa miscelânea, cujo título é *Literatura Dramática Portuguesa*, a qual inclui, por ordem, as seguintes obras:

- *A Vingança de Agamenon. Tragédia de Anrique Ayres Victoria. Nota de História Literária*, editado por F. M. Esteves Pereira,

---

<sup>\*1</sup> Além do exemplar que utilizámos, apenas localizámos mais quatro exemplares em bibliotecas públicas portuguesas: dois na Biblioteca da FLUL-OM; outros dois na Biblioteca do Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian e um outro na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (informação que apurámos por consulta dos catálogos electrónicos).

Academia das Ciências de Lisboa, 1916,  
18 páginas;

- *A Vingança de Agamenom. Tragédia de Anrique Ayres Victoria. Conforme a Impressão de 1555* (aqui editada em suporte electrónico);

- *Auto do Fisico. Por Jerónimo Ribeiro. Conforme a Impressão de 1587*, editado por F. M. Esteves Pereira, Academia das Ciências de Lisboa, 1918, 76 páginas;

- *Auto das Regateiras de Lisboa. Composto por hum frade Loyo filho de hũa dellas*, edição de F. M. Esteves Pereira, Academia das Ciências de Lisboa, 1919, 36 páginas;

- *Farsa do Alfaiate. De Anrique da Mota*, edição de J. Leite de Vasconcellos, Edição da Lusitania, 1924, 54 páginas.

A edição de Esteves Pereira aqui transcrita conta 120 páginas, excluindo a encadernação feita num papel de gramagem um pouco superior à do papel utilizado no interior.

A capa encontra-se novamente reproduzida na página três da edição em papel e foi transcrita, tal como se encontra na edição em papel, mais à frente na presente edição.

A contracapa informa o leitor das últimas publicações da Academia das Ciências de Lisboa, que se encontram à venda no depósito da Academia.

O interior do livro encontra-se organizado da seguinte forma: numa primeira parte, Esteves Pereira assina um estudo sobre a tragédia, cuja edição se

segue, numa segunda parte; no final da obra, Esteves Pereira apresenta as variantes do paleótipo.

### **Normas de edição**

Ao transcrevermos o estudo e a edição de Esteves Pereira, procurámos reproduzir exactamente o que se encontra no exemplar em papel.

Assim:

- adoptámos para a presente edição um tamanho de página que é semelhante ao das páginas da edição em papel – A5;
- conservámos a justificação do texto (à esquerda e à direita e, por vezes, centrado);
- mantivemos a ortografia do texto, assim como as gralhas que nele se encontram;

- preservámos a pontuação;
- conservámos as minúsculas e maiúsculas, assim como utilizámos versaletes, sempre que os observámos no livro em papel;
- reproduzimos todas as ocorrências de itálicos e negritos;
- reproduzimos as páginas em branco que existem ao longo da obra;
- copíamos a capa da edição em papel, assim como reproduzimos a imagem aí representada;
- as notas de rodapé introduzidas na presente edição estão assinaladas com um asterisco antes da numeração (ex.: \*1), de modo a que se possam distinguir das notas de rodapé feitas por Esteves Pereira, em 1918.

No entanto:

- escolhemos um tipo de letra semelhante ao utilizado na edição em papel, mas nem sempre conseguimos reproduzir os caracteres utilizados de forma idêntica;
- não assinalámos as mudanças de página;
- a numeração das páginas da presente edição (feita no canto inferior direito) não coincide com a numeração (feita ao centro da margem superior) de páginas da edição em papel (nem esta foi reproduzida);
- as mudanças de linha não estão assinaladas e também não coincidem com as mudanças de linha da edição de 1918;
- as variantes registadas em rodapé com correspondência à linha da página em papel (caso do prólogo e outras partes em prosa), foram acolhidas em notas de rodapé

relacionadas numericamente com as variantes do texto editado. Já as variantes aos versos, cuja legibilidade não dependia da paginação em papel, foram mantidas em lista final.

Elaborámos um índice (a edição em papel não dispõe de nenhum) com as hiperligações necessárias à deslocação entre partes do livrónico. A cor azul indica a existência de hiperligações entre o corpo do livrónico e o índice.

A imagem que se encontra reproduzida na capa da presente edição é um fac-símile do frontispício da edição de 1555, que se encontra editado na seguinte obra:

- SANTOS, José dos, *Bibliografia da Literatura Clássica Luso-Brasílica*, Lisboa: Livr. Lusitana, 1916, p. 87.

# Elementos Biobibliográficos

## Sófocles

Sófocles nasceu em Colono, perto de Atenas, no ano 496 a.C. Proveniente de uma família de industriais atenienses abastados, para além de ter sido tragediógrafo, também desempenhou alguns cargos políticos: foi helenotamia<sup>\*1</sup>, em 443 e 442; estrategista na guerra contra Samos, juntamente com Péricles, em 441; e, ao que parece, desempenhou funções durante a revolução oligárquica, em 411.

Enquanto tragediógrafo, Sófocles foi o melhor e o seu sucesso perdurou até à data da sua morte, em 406 a.C. As suas peças

---

\*1 Ser helenotamia significa ser membro da administração do tesouro dos aliados.

deram-lhe 24 vezes a vitória nos concursos, mas nunca ficou abaixo do segundo lugar, sempre que concorreu: foi o tragediógrafo mais premiado pelo público de Atenas.

Embora não se saiba ao certo quantas peças escreveu Sófocles, já que a maior parte se perdeu, estima-se que tenha escrito cerca de cento e vinte e três dramas, dos quais chegaram até nós sete tragédias – *Antígona* (442 a.C.), *Electra*, *Ájax*, *Rei Édipo*, *Filoctetes* (409 a.C.), *Traquínias*, *Édipo em Colono* – e parte de um drama satírico – *Os Cães de Caça* – que só foi descoberto no século XX.

## Anrique Ayres Victoria

Não se conhecem praticamente nenhuns dados biográficos nem bibliográficos sobre este autor.

Sabemos que nasceu no Porto, porque o próprio nos dá esta informação no início da sua obra. Não sabemos, no entanto, quando nasceu, nem quando morreu. Também se desconhece se Anrique Ayres Victoria terá escrito, traduzido ou adaptado outras obras além desta.

## Francisco Maria Esteves Pereira

Nasceu em Miranda do Douro, a 9 de Agosto de 1854 e faleceu em Lisboa, a 9 de Dezembro de 1924. Cedo abraçou a carreira militar (1875), acabando por se aposentar

como Coronel de Engenharia. No entanto, a vida de Esteves Pereira não se pode resumir à actividade militar.

É enquanto reputado erudito, bibliógrafo e orientalista que a sua actividade mais se destaca. Era perito em hebraico, árabe, etiópico e sânscrito, tendo-se dedicado principalmente aos estudos orientalistas, nos últimos trinta e quatro anos de vida.

Publicou várias obras traduzidas do etiópico, nomeadamente a *História de Minas Además Sagad. Rei de Etiópia* (1888) e a *Crónica de Susenyos. Rei de Etiópia* (1892 - 1900). Devido ao intenso trabalho que desenvolveu para dar a conhecer obras dos grandes da Etiópia recebeu a Estrela de Honra da Etiópia, condecoração militar dada pelo imperador Menelik II, em 1890.

Também dirigiu algumas publicações de história, de carácter antigo, ressuscitando alguns textos valiosos, total ou parcialmente desconhecidos do público, como é o caso da edição que pretendemos agora editar em formato electrónico.

Foi sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1922, mas não só. Também foi sócio do Instituto de Coimbra, assim como da Sociedade de Geografia de Lisboa, e membro da Société Asiatique de Paris, Cavaleiro Oficial da Ordem Militar de S. Bento de Avis e Oficial da Ordem de S. Tiago.

Publicou mais de 70 obras, mas muitas mais terão ficado inéditas. O seu contributo para o conhecimento e engrandecimento da literatura portuguesa é incalculável.



## Referências bibliográficas

Sófocles:

PRIETO, Maria Helena Ureña,  
“Sófocles” in *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa: Verbo, pp. 398-404.

Francisco M. Esteves Pereira:

LOPES, David, “Um orientalista português: Francisco Maria Esteves Pereira” in *Revista da Faculdade de Letras*, n.º 7 (1940-1941), Lisboa, pp. 121-133.

<http://www.dodouropress.pt/index.asp?id-edicao=66&idseccao=568&id=3537&action=noticia>

<http://www.bragancanet.pt/miranda/figurasilustres.htm>

**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA**

---

**MONUMENTOS**

DA

LITERATURA DRAMÁTICA PORTUGUESA

---

**II**

**A VINGANÇA DE AGAMENOM**

---

**TRAGÉDIA DE ANRRIQUE AYRES VICTORIA**

Conforme a impressão de 1555,

publicada por ordem da Academia das Ciências de Lisboa

POR

**Francisco Maria Esteves Pereira**



---

**Imprensa Nacional de Lisboa**

---

1918



## Parecer

**sôbre a publicação da tragédia «A vingança de Agamemnon», de Anrique Aires Victoria, em traslado feito e prefaciado pelo sócio correspondente Sr. Esteves Pereira**

A tragédia quinhentista, que o Sr. Esteves Pereira copiou do único exemplar porventura existente e que prefaciou com a sua habitual erudição, é com efeito um monumento literário digno de figurar na colecção já iniciada pela Academia com a nova edição da *Eufrosina*, que se acha no prelo.

De poucos eruditos era conhecida esta obra dramática, que representa uma das primeiras tentativas de versão do teatro

grego em línguas modernas. Bastaria êste facto para justificar a sua publicação, como testemunho da contribuição prestada pelo engenho português para o estudo da antiguidade clássica.

É certo que o sôpro viril de Sófocles passa diluído e debilitado nesta paráfrase do nosso quinhentista. Apontaremos apenas como exemplo a scena do reconhecimento de Orestes por Electra, em que o adaptador português, seguindo provavelmente o modelo castelhano de Hernan Perez de Oliva, alonga por um sem número de incolores redondilhas as fortes e incisivas frases dos dois irmãos:

- ¿Dar-se-há caso que êle viva? pergunta Electra no cúmulo do alvoroço.

- Sim, visto que eu respiro! responde simplesmente Orestes.

Mas não é preciso multiplicar os exemplos. Basta acentuar a falta de vivacidade trágica no diálogo. Cortado e rápido, êle é a sublime característica do original grego.

Seja porêem como fôr, não há dúvida de que a obra de Aires Vitória é um elemento valioso para o estudo das letras portuguezas no século XVI, e que constitui para o crítico, para o historiador e para o filólogo, um depoimento digno de atenção desvelada.

Por todos estes motivos, a Segunda Classe deve congratular-se com o nosso ilustre consócio Sr. Esteves Pereira pelo importante trabalho com que vem acrescer o tesouro da literatura nacional, e julgamos que deve encorporá-lo na colecção, recentemente projectada, dos «Monumentos

da literatura dramática portuguesa no século  
XVI».

Sala das sessões da Academia das  
Ciências de Lisboa, 22 de Novembro de  
1917.

*F. Teixeira de Queiroz.*

*David Lopes.*

*Henrique Lopes de Mendonça, relator.*

## “Nota do Editor”<sup>\*1</sup>

Pela impressão da tragédia *A Vingança de Agamenom* é restituída à literatura portuguesa uma obra composta na primeira metade do século XVI, conhecida quási sómente de nome, e que apesar do seu grande merecimento tem estado sequestrada há mais de três séculos, não intencionalmente pelos sucessivos possuidores do único exemplar existente, mas pelo descuido e esquecimento dos eruditos. Esta restituição é devida à liberalidade e benevolência do Sr. Conde de Samodães para a

---

<sup>\*1</sup> Título introduzido pelo editor.

Academia das Ciências de Lisboa, a cuja solicitação concedeu, da melhor vontade, permissão para se fazer a cópia fotográfica que serviu para esta impressão. Por isso o Sr. Conde de Samodães é credor do reconhecimento e gratidão dos cultores da literatura portuguesa.

E eu cumpro aqui o grato dever de tornar público o meu reconhecimento ao venerando titular e ilustre escritor, o Sr. Conde de Samodães, pelo singular favor, que me concedeu, de divulgar uma das mais preciosas jóias da sua riquíssima livraria.

Lisboa, 28 de Junho de 1917.

*Francisco Maria Esteves Pereira.*



## PRÓLOGO

Os bibliógrafos e historiadores da literatura pátria dão notícia de que no século XVI foram compostas em língua portuguesa diversas tragédias, das quais restam sómente duas e um fragmento doutra<sup>1</sup>; essas tragédias são: a *Cleopatra*, do Dr. Francisco de Sá de Miranda (1485-1558), composta pelos anos de 1552<sup>2</sup>; a *Castro*, do Dr. António Ferreira (1526-1569), composta pelos anos de 1557<sup>3</sup>; e *A Vingança de Agamenom*, de Anriques Ayres Victoria, concluída em 1536<sup>4</sup>. Da *Cleopatra*, do Dr.

---

<sup>1</sup> *Geschichte der Portugiesischen Litteratur*, von Carolina Michaëlis de Vasconcellos und Teófilo Braga, no *Grundriss der Romanischen Philologie*, von G. Gröber, Strassburg, 1897, II. Band, 2. Ab., pp. 311 e 312 ; Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa*, tomo II, Pôrto, 1914, p. 370 sgs.

<sup>2</sup> Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa*, II, p. 375.

<sup>3</sup> Idem, *ibid.*, 376; a *Castro*, de António Ferreira, ed. de Mendes dos Remedios, Coimbra, 1915, pp. XVII e XX.

<sup>4</sup> Veja-se adiante p. 8.

Francisco de Sá de Miranda, existe sómente uma estância formada por duas sextilhas<sup>1</sup>; a *Castro*, do Dr. António Ferreira, foi impressa pela primeira vez em 1587, e melhorada na edição de 1598; *A Vingança de Agamenom* foi impressa pela primeira vez entre 1536 e 1555, mas é conhecida sómente pela segunda impressão, feita em 1555.

A VINGANÇA DE AGAMENOM. — A tragédia *Vingança de Agamenom*, de Anrique Ayres Victoria, não é uma composição original dêste autor; no título da segunda impressão diz-se que o seu argumento é de Sófocles, poeta grego, e que ela foi tirada agora novamente

---

<sup>1</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Novos estudos sobre Sá de Miranda*, no *Boletim da Segunda Classe*, vol. V, pp. 47 e 137.

(recentemente) do grego em linguagem; e na segunda das estâncias, que se seguem à exortação do autor, diz-se que a tragédia foi acabada de traduzir em nossa linguagem em 15 de Março de 1536, na cidade do Pôrto, por Anrrique Ayres Victoria.

Da primeira impressão da tragédia não há outra notícia senão a que resulta da seguinte indicação dada no título da segunda impressão: «agora segunda vez impressa e emendada e anhadida pelo mesmo autor». Desta notícia conclui-se, que a primeira impressão foi feita entre o ano de 1536, em que foi concluída a tradução, e o de 1555, em que foi feita a segunda impressão.

A segunda impressão, como se declara na subscrição, foi feita em Lisboa, por Germão Galhardo, e terminada em 6 de Novembro de 1555.

Resumindo e coordenando estas notícias, resulta:

1.º Antes do ano de 1536 a tragédia de Sófocles, cujo nome não é dado, havia sido tirada (traduzida) do grego em linguagem.

2.º Anrrique Ayres Victoria trovou (pôs em verso) a mesma tragédia, acabando de a trasladar em nossa linguagem a 15 de Março de 1536.

3.º Da tragédia de Anrrique Ayres Victoria fez-se uma primeira impressão em lugar e ano desconhecidos, mas entre 1536 e 1555.

4.º O mesmo Anrrique Ayres Victoria emendou e acrescentou a tragédia, e assim revista foi impressa em Lisboa por Germão Galhardo, tendo terminado a impressão em 6 de Novembro de 1555.

A TRAGÉDIA «ELECTRA», DE SÓFOCLES. – Sófocles<sup>1</sup>, que nasceu entre os anos de 497 e 495 e faleceu em 405 a.C., foi um dos mais insignes poetas gregos; compôs diversas tragédias, das quais restam sete, e entre elas é muito notável a que tem por título *Electra*. O assunto desta tragédia é tomado das tradições relativas ao regresso dos guerreiros gregos depois da destruição da cidade de Tróia. Agamenon, o vitorioso chefe dos Gregos, regressa a Argos, e aí é assassinado por Egisto e Clitemnestra. Electra salva Orestes, que era ainda criança, e o faz educar secretamente para vingar seu pai. Orestes, chegado à idade viril, vinga a morte de seu pai, matando Egisto, que o havia assassinado, e se apoderara do trono

---

<sup>1</sup> Cf. Croiset, *Histoire de la Littérature Grecque*, Paris, 1890, tomo III, pp. 224-282, especialmente p. 238.

de Micenas, e a sua mãe Clitemnestra, adúltera cúmplice do mesmo crime. Os personagens da tragédia são: protagonista, Electra; deuteragonistas: Orestes, Crisótemis e Clitemnestra; tritagonistas: o pedagogo (aio), e Egisto; cômico: donzelas de Micenas.

Sófocles, pôsto que nesta tragédia trate do mesmo assunto que Ésquilo nos Coéforos, mostra-se inteiramente original. A pessoa de Electra domina toda a tragédia, e atrai sôbre si a atenção pelo seu ódio implacável contra o matador de seu pai, pela ardente vivacidade das suas lembranças, pelo profundo sentimento do dever, e pela sua energia quási viril, sem ser destituída da ternura feminina. Ao lado dela está sua irmã Crisótemis, que é caracterizada pela sua bondade, quási

resignação, em se submeter às desgraças que oprimem a sua família. O artifício, empregado para iludir os autores da morte de Agamenon, acêrca da morte de Orestes, consistindo em fazer anunciar pelo aio a morte de Orestes, e em apresentar uma urna com as cinzas dos seus restos mortais, trazida pelo próprio Orestes e seu amigo Pílates, revela viva imaginação. O reconhecimento que Electra faz de seu irmão Orestes<sup>1</sup>, diferido dum modo engenhoso para o termo da tragédia, manifesta-se de improviso, e de maneira muito surpreendente e comovedora, quando

---

<sup>1</sup> Electra reconheceu seu irmão Orestes, quando êste lhe mostrou o *anel, sphragida* (*Electra*, v. 1223), que havia sido de seu pai, e que ela mesma lhe tinha dado. No drama indiano, a *Xakuntalá*, composto em sânscrito por Kalidasa (entre o IV e VII século de J.C.), *Xakuntalá* é reconhecida pelo rei Duxyanta, seu marido, que a havia repudiado, por um *anel, mudrâ* (diminutivo *mudrikâ*), que êle lhe tinha dado. Tanto a palavra *sphragida* como *mudrâ* significam propriamente *sinete* ou *anel com sinete*.

o sofrimento moral de Electra tem atingido o maior auge com a falsa notícia da morte de seu irmão Orestes. O êxito (catástrofe) da tragédia é inteiramente conforme às regras da arte dramática estabelecidas por Aristóteles e Horácio: a morte de Clitemnestra é fora da scena, ouvindo-se sómente primeiro as suas lamentações e depois as suas imprecações; a morte de Egisto é apenas anunciada, como devendo ser feita no mesmo lugar, em que Agamenon havia sido assassinado. Emfim toda a acção da tragédia passa-se em poucas horas dum mesmo dia.

VERSÃO CASTELHANA DA «ELECTRA», DE SÓFOCLES. – No título da tragédia *A Vingança de Agamenom*, de Anrrique Ayres Victoria, não é dado o título da tragédia de

Sófocles de que aquela provêm; mas pela comparação dos personagens, e do desenvolvimento das scenas, é fácil de reconhecer, que o argumento da tragédia de Anrique Ayres Victoria é o mesmo que o da tragédia de Sófocles, denominada *Electra*<sup>1</sup>; contudo entre elas observam-se diferenças consideráveis nos discursos dos personagens, o que faz suspeitar que a tragédia portuguesa não provêm directamente da tragédia grega, mas que entre elas houve uma forma intermédia.

Entre os escritores castelhanos do século XVI foi notável pela sua erudição o maestro Hernan Perez de Oliva, nascido em Córdova pelos anos de 1494, e falecido em 1533. Êste escritor, distinto humanista, traduziu na

---

<sup>1</sup> *A Vingança de Agamenom* é o assunto da tragédia, intitulada *Electra*, composta em versos hendecassílabos por Francisco Dias Gomes (1745-1795), publicada em Lisboa, 1798 e 1799.

língua castelhana, em prosa elegante, diversas tragédias e comédias de escritores gregos e latinos, e entre elas uma, cuja primeira impressão<sup>1</sup>, feita em Burgos em 1528, tem por título na página de rosto: *La Vengança de Agamenon. Tragedia que hizo Hernan Perez de Oliva, maestro, cuyo argumento es de Sophocles poeta griego. Año 1528*. Na página verso da primeira fôlha está impresso um parágrafo com o título *La muerte de Agamenon*. Os personagens da tragédia são: Orestes, filho de Agamenon; Cilénio, aio de Orestes;

---

<sup>1</sup> *Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, tomo 1, Valencia, 1872, p. 510, s.v. *Sófocles*, n.º 1:416. Esta tragédia foi reimpressa diversas vezes, e entre outras nas seguintes obras: *Las obras del Maestro Fernan Perez de Oliva*, Córdova 1586; *Parnaso español*, colección de poesias escogidas de los mas célebres poetas castellanos, por D. Juan José Sedano, Madrid, 1768-1782, nove tomos; *Las Obras del maestro Fernan Perez de Oliva*, Madrid, 1787, dois tomos. Nós não pudemos obter, nem examinar, nenhuma das obras em que foi reimpressa a tragédia castelhana; e sómente obtivemos cópia manuscrita da primeira scena da tragédia por favor do Sr. Afonso de Dornelas.

Píladés, amigo de Orestes; Electra, irmã de Orestes; Crisótemis, irmã de Orestes; Clitemnestra, viúva de Agamenon; Fedra, dama de Electra; Egisto, intruso rei de Micenas.

Comparando a primeira scena, e provavelmente as restantes, da tragédia de Hernan Perez de Oliva com a parte correspondente da Electra de Sófocles, reconhece-se que o escritor castelhano não traduziu verbalmente a tragédia grega; mas, conservando a disposição geral desta, modificou-a em conformidade com as ideias, costumes e gosto do seu tempo, e como se a acção se tivesse passado na primeira metade do século XVI na côrte do rei dum dos estados da Europa culta. O côro das donzelas de Micenas foi substituído por uma dama (aia) de Electra; os discursos dos

interlocutores uns foram abreviados, outros suprimidos, e a outros ajuntou diversos desenvolvimentos literários e indicações históricas, que lhe pareceram necessários para melhor compreensão do pensamento do trágico grego; e em geral deu aos discursos uma feição moderna, com o fim de provar que a prosa castelhana era susceptível de exprimir os mais nobres sentimentos e as mais vivas emoções, e enfim para mostrar a sua grande erudição e os próprios recursos literários. É ainda para notar que Hernan Perez de Oliva parece esquecer-se por vezes que os personagens da tragédia eram pagãos, e os faz falar de Deus como se fôsem cristãos.

## ORIGEM DA TRAGÉDIA PORTUGUESA. –

No título da tragédia *A Vingança de Agamenom*, de Anrique Ayres Victória, não se diz a linguagem para a qual a tragédia de Sófocles foi tirada do grego; mas a expressão «tirada em linguagem» era geralmente usada, quando se tratava de traduções feitas do grego ou do latim para as línguas modernas ou romances. Também na segunda das estâncias que se seguem à exortação do autor não se diz de que obra foi traduzida em nossa linguagem a tragédia portuguesa. Por isso é lícito fazer uma conjectura<sup>1</sup>.

Comparando a tragédia *A Vingança de Agamenom*, de Anrique Ayres Victória, com a tragédia *La Vengança de Agamenon*,

---

<sup>1</sup> Cf. *A Castro* de António Ferreira, ed. de Mendes dos Remédios, Coimbra, 1915, pp. XII-XIV.

de Hernan Perez de Oliva, observa-se que os títulos são iguais; os personagens são os mesmos com pequenas diferenças explicáveis facilmente; ambas tragédias são precedidas dum parágrafo em que se refere a maneira como sucedeu a morte de Agamenon; há completa conformidade no número das scenas, na disposição e seqüência das falas dos personagens; e as ideas expressas nas falas dos personagens são as mesmas salvo pequenas diferenças; por estas razões conjecturamos<sup>1</sup> que a tragédia portuguesa era a tradução da castelhana; mas o escritor português, que muitas vezes traduziu verbalmente a tragédia castelhana, empregando até as mesmas palavras, quando eram iguais nas duas línguas, reduziu-a a verso (trouvou-a), e

---

<sup>1</sup> *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. x, Lisboa, 1916, p. 13 (do extracto).

por isso introduziu diversos desenvolvimentos literários, evidentemente com o fim de satisfazer às exigências da metrificação e da rima, e à disposição dos versos em quintilhas.

A conjectura que fizemos é confirmada de certo modo não só pela inserção, na quintilha 124, do provérbio castelhano:

Liuiano es el dolor,  
que de fora no parece:

mas também pelas palavras *abominable* (44, 2), *algo* (103, 3), *baldon* (294, 3), *entonces* (344, 1), *honor* (139, 3), *inefable* (44,5), *terrible* (17, 5), que por ventura são vestígios da tragédia castelhana conservados pelo escritor português.

**MÉTRICA DA TRAGÉDIA.** – A tragédia está composta em verso, «foi trovada», como se diz no título do livro. Os versos são de sete sílabas, redondilha maior, com acentos nas sílabas 3.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> Os versos são dispostos em quintilhas, com as rimas *abaab*, ou *abbab*.

O metro do verso adoptado por Anrique Ayres Victoria é o metro mais popular da língua portuguesa, e geralmente usado pelos poetas portugueses da primeira metade do século XVI; foi o metro empregado nos autos compostos por Gil Vicente, Luís de Camões, António Prestes e António Ribeiro Chiado; e parece que também pelo Dr. Francisco de Sá de Miranda na sua tragédia *Cleopatra*, quanto se pode avaliar pela estância que dela resta.

As quintilhas são grupadas às duas e duas; mas como entre elas não há nenhuma

relação de rima, as duas quintilhas grupadas formam não uma décima, mas simplesmente uma estância. As quintilhas são em numero de 428.

**VALOR LITERÁRIO DA TRAGÉDIA.** – Do valor intrínseco da tragédia nada há que dizer, senão que ela é obra de Sófocles, o poeta grego que elevou a tragédia ao mais alto grau de perfeição, e de cujas obras, assim como das de Ésquilo e Eurípedes, Aristóteles e Horácio deduziram as regras da arte dramática. O escritor português, sabendo certamente que a tragédia é a narração dramática duma acção grave pelo assunto, ilustre pelos personagens, e desastrosa pelo êxito; e que por consequência o seu estilo deve de ser grave, nobre e patético: empregou uma linguagem

nobre e adequada à categoria dos interlocutores da tragédia, que eram reis, príncipes e pessoas da côrte, e como se a acção se passasse no seu tempo. Aumenta muito ainda o valor da tragédia portuguesa a circunstância de ser uma versão da tragédia de Sófocles, certamente muito modificada, mas que dá completa idea da obra do trágico grego.

É bem para notar que na tragédia portuguesa não se encontra nenhuma palavra da linguagem plebeia, que são tão frequêntes nos autos compostos no século XVI.

**AUTOR.** – Não alcançámos nenhuns dados biográficos acêrca de Anrrique Ayres Victoria, nem relativos às circunstâncias da sua vida, nem doutras composições

literárias suas. Os bibliógrafos Inocêncio Francisco da Silva, e depois dele Ricardo Pinto do Matos e José dos Santos, dizem sómente que Anrrique Ayres Victoria era natural da cidade do Pôrto. Esta notícia provávelmente tem por fundamento a indicação dada na dedicatória, em que se diz que Anrrique Ayres Victoria era natural do Pôrto, e na segunda das estâncias, que se seguem à exortação do autor, da qual consta que Anrrique Ayres Victoria acabou de traduzir a tragédia *A Vingança de Agamenom* a 15 de Março de 1536 na cidade do Pôrto. A falta de notícias biográficas por parte de todos os bibliógrafos, e sobretudo a circunstância, já notada, que Diogo Barbosa Machado não menciona o autor da tragédia entre os escritores portugueses, nem se refere à

mesma tragédia, fizeram conjecturar que a tragédia portuguesa foi composta, sôbre a tragédia castelhana de Hernan Perez de Oliva, por um escritor de origem popular, dotado certamente de talento poético, e possuindo cultura literária não vulgar, residente, pelo menos durante algum tempo, no Pôrto, e onde provávelmente se fez a primeira impressão em fôlha volante.

A tragédia portuguesa mostra também que Anrrique Ayres Victoria tinha conhecimento das obras dos melhores mestres, os trágicos gregos, e porventura o desejo de os imitar em suas composições.

#### REPRESENTAÇÃO TEATRAL DA TRAGÉDIA.

– Não se encontra nenhuma notícia escrita nem tradição oral, da qual se conclua que a tragédia *A Vingança de Agamenom* foi

representada em teatro português. Do que se diz no prólogo, certamente ajuntado pelo impressor Germão Galhardo, parece resultar que a segunda impressão da tragédia foi feita principalmente com o fim de servir para instrução moral e exemplo dos que a lessem, e pelo proveito que daí resultaria para viver bem e honestamente, considerando que os maus sempre recebem o castigo das suas maldades e crimes, e os bons, quando não são galardoados neste mundo, recebem na outra vida o prémio devido às suas virtudes.

**HISTÓRIA DO PALEÓTIPO<sup>1</sup> DA TRAGÉDIA.** – Diogo Barbosa Machado parece não ter tido conhecimento da tragédia *A Vingança de Agamenom*, pois que a não menciona na

---

<sup>1</sup> Designa-se paleótipo o livro impresso em caracteres góticos.

*Biblioteca Lusitana*; foi António Ribeiro dos Santos o primeiro bibliógrafo que descreveu o paleótipo da tragédia nas *Memórias para a história da tipografia em Portugal no século XVI* (p. 119). Um exemplar do paleótipo pertenceu a Monsenhor Hasse, que foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa, e faleceu em 1805; mas êle, tendo-o emprestado em sua vida ao Duque de Lafões, D. João de Bragança, extraviou-se, de modo que nunca mais se soube notícia dêle<sup>1</sup>.

Em 1858 um exemplar do paleótipo pertencia a J. J. Saldanha Machado, então tesoureiro da Casa da Moeda, que o havia comprado alguns anos antes em casa de

---

<sup>1</sup> Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário bibliográfico português*, tomo III, Lisboa, 1859, pp. 179-181.

António Henriques, antigo comerciante de livros estabelecido na Calçada do Duque. Inocêncio Francisco da Silva examinou então o exemplar pertencente a J. J. Saldanha Machado, e o descreveu no seu *Dicionário bibliográfico português*, onde transcreveu o título, as rubricas do prólogo e dos dois parágrafos que se seguem, a lista dos interlocutores, as primeiras quatro estâncias da tragédia, a última das duas estâncias que se seguem à exortação do autor, e a subscrição<sup>1</sup>.

Em 1878 Ricardo Pinto de Matos, no seu *Manual bibliográfico português* (pp. 44-45), deu notícia dum exemplar da tragédia, transcrevendo o título e a subscrição; e informou que o mesmo exemplar existia na livraria que tinha sido do Conde de

---

<sup>1</sup> *Ibidem.*

Azevedo, que o comprara por 81\$00, e legada por êle ao Sr. Conde de Samodães.

Emfim em 1917 José dos Santos, na sua *Bibliografia da literatura clássica luso-brasilica* (I, pp. 86-92), deu uma notícia do exemplar pertencente ao Sr. Conde de Samodães, com fac-similes (zincografias) da página recto da primeira fôlha (rosto), da página verso da primeira fôlha (comêço do prólogo), da página recto da terceira fôlha (as seis primeiras estâncias da tragédia), e da página verso da última fôlha (as duas estâncias que se seguem à exortação do autor e a subscrição).

É muito provável que o exemplar do paleótipo que pertenceu a Monsenhor Hasse, e depois o de J. J. Saldanha Machado, seja o mesmo que actualmente

pertence ao Sr. Conde de Samodães, e que parece ser o único existente.

**DESCRIÇÃO DO PALEÓTIPO.** – O exemplar paleótipo da tragédia *A Vingança de Agamenom*, pertencente ao Sr. Conde de Samodães, é um livro encadernado de 20 fôlhas do formato de 4.º, constituído por dez fôlhas duplas formando um caderno. As primeiras dez fôlhas têm no ângulo inferior direito a assinatura: Aj (falta), Aij, Aiiij, Aiiiij, Av, Avj, Avij, Aviiij, Aviiiij, Ax; as segundas dez fôlhas, prolongamento das dez primeiras, não têm assinatura.

As fôlhas do livro têm actualmente 0<sup>m</sup>,186 de comprimento (altura) e 0<sup>m</sup>,135 de largura; mas provavelmente foram aparadas.

Em cada página, a parte impressa (chapa de impressão) é um rectângulo, que na parte

em prosa tem 0<sup>m</sup>,170 x 0<sup>m</sup>,110, e na parte em verso 0<sup>m</sup>,168 x 0<sup>m</sup>,109. As letras são do tipo denominado gótico, e grandes. Cada página da parte em prosa está disposta em uma só coluna de 40 linhas quando completa, cada linha completa tem cerca de 60 letras: cada página da parte ocupada pela tragédia é disposta em duas colunas; e cada coluna, se fôsse completa teria 34 linhas: e as páginas ocupadas pela exortação ao leitor, pelas duas estâncias que se lhe seguem, e pela subscrição, são em uma só coluna.

O rosto do livro (fôlha 1, *r*) é formado por uma espécie de portada, dentro da qual há na parte superior uma vinheta, e na parte inferior o título da obra. A portada compõe-se de seis peças: a inferior (largura 0<sup>m</sup>,010) representa um friso decorado com

ornamentos guerreiros (escudos, lanças, saia de malha, e na parte superior uma águia); as duas peças laterais inferiores (largura cêrca de  $0^m,008$ ) representam colunas salomónicas prolongadas por colunas de ordem jónica; as quatro peças laterais superiores (largura cêrca de  $0^m,010$ ) representam frisos decorados com diversas figuras (dragões, cornucópias, máscaras, etc.); a peça superior (largura cêrca de  $0^m,010$ ) representa um friso decorado com objectos diversos (silva de ramos de árvores, flores, caras de seres humanos, etc.).

A vinheta tem cêrca de  $0^m,095$  na direcção da largura da fôlha, e  $0^m,063$  na direcção da altura da fôlha. Na vinheta está representada uma casa, em cuja frente há uma porta e à direita desta uma janela, e na

empena da esquerda há outra janela. Diante da porta e junto dela está um homem mancebo, de pé, descoberto, tendo na mão direita um pequeno instrumento, provavelmente um punhal, e a mão esquerda levantada à altura do peito, e fazendo gesto de falar. Dentro de casa e nas janelas da frente e da empena da esquerda vêem-se os bustos de duas mulheres, em atitude de observar o que se passa fora de casa. Diante do mancebo que está à porta, jaz deitado no chão o corpo dum personagem, sem cabeça e nu, as mãos atadas com uma corda sôbre a cintura, e os pés atados com uma corda, que está ligada à retranca do arreio dum solípede (cavalo ou muar), montado por um cavaleiro, que parece caminhar paralelamente à empena esquerda da casa, levando de rastos o corpo

exânime. Ao lado direito da casa vêem-se outros dois personagens, de pé e cobertos com chapéus; o da frente representa um mancebo, tem a espada desembainhada na mão esquerda, e a mão direita à altura do peito, e parece falar ao mancebo que está diante da porta; e o de trás representa um homem idoso, um velho. Os personagens representados são provavelmente: o mancebo descoberto diante da porta, Orestes; as duas mulheres, cujos bustos se vêem pelas janelas, Electra e Crisótemis, irmãs de Orestes; o corpo decapitado, jazendo no chão, o de Clitemnestra; o mancebo coberto e com a espada na mão, Pilades, amigo de Orestes; o velho, colocado atrás do mancebo coberto, o aio de Orestes.

O título da obra tem as linhas dispostas em triângulo isósceles, com o vértice para a parte inferior da página, e com a seguinte disposição:

[*Ramo de flores*] Tragedia da vingança que foy feita sobre a morte del Rey Agamenom. Agora nouamente tirada de Grego em lingoagem: trouada por Anrrique Ayres Victoria. Cujo argumento he de Sophocles poeta Grego. Agora segũa vez impressa e ãmendada e a-nhadida pello mesmo Autor.

No alto da página verso da mesma fôlha (fôlha 1), começa o prólogo com a

dedicatória da tragédia a D. Violante de Távora, o qual certamente foi ajuntado pelo impressor Germão Galhardo. Êste prólogo ocupa a página verso da fôlha 1, e um pouco mais de metade da página recto da fôlha 2; segue-se logo um parágrafo com a rubrica *A morte de Agamenom*, que ocupa a parte restante da página recto da fôlha 2, e metade da página verso da mesma fôlha; depois segue-se outro parágrafo com a rubrica *Argumento da presente tragédia*; e nas últimas quatro linhas desta mesma página está a lista dos interlocutores da tragédia.

A tragédia ocupa as páginas 3 *r* a 19 *v*; está disposta em duas colunas por página. Os versos são em quintilhas, grupadas às duas e duas formando uma estância. O comêço das estâncias é indicado por um sinal (crescente com a concavidade voltada para a direita); e as estâncias são separadas umas das outras

pelo intervalo de uma linha em claro. Todavia faltam algumas vezes os sinais do comêço de estância, e a linha em claro.

O nome do interlocutor, correspondendo ao comêço de estância, é dado umas vezes em linha especial da coluna e por extenso, outras vezes na linha do primeiro verso da estância e em abreviatura. O nome do interlocutor, não correspondendo a princípio de estância, é dado na margem esquerda do primeiro verso da fala e em abreviatura.

A página recto da fôlha 20 é ocupada pela *Exortação do autor aos lectores*, que se compõe de três estâncias, cada uma de oito versos de dez sílabas; tendo depois ao meio da linha a palavra *Fim*.

A página verso da fôlha 20 é ocupada por duas estâncias, cada uma de oito versos de dez sílabas; depois segue-se a subscrição

com as linhas dispostas em triângulo, com o vértice para a parte inferior, e assim dividida:

Aqui feneçe a tragedia de Orestes tirada  
de Grego em lingoagem Portugues e troua-  
da. Foy impressa na muy nobre e sempre leal  
cidade de Lixboa per Germão Ga-  
lhardo impressor del Rey nosso  
senhor. Acabouse aos .vj.  
dias de Novembro de  
mil e quinhentos  
e cincoenta e  
cinco anos.

Fim

Estas duas estâncias e a subscrição foram certamente ajuntadas pelo impressor Germão Galhardo.

**ABREVIATURAS.** – Na impressão do paleótipo empregaram-se alguns sinais representativos de grupos de letras, e em geral sómente quando o espaço restante para a linha ou verso não era suficiente para conter as letras em separado. Os sinais de grupos de letras empregados são: d' (de), ã (que), scto (santo), ds (deus), p (per), p (pro).

**PARTICULARIDADES GRÁFICAS.** – No paleótipo observam-se as seguintes particularidades de escrita:

1.<sup>a</sup> Algumas letras têm mais de uma forma: *e* (duas); *r* (duas); *s* (três).

2.<sup>a</sup> A vogal *i*, inicial de palavra, é representada umas vezes por *y*, e outras vezes por *j*, assim *yrmão*, *jrmão*; a vogal *i*, subjuntiva do ditongo *ui*, é representada muitas vezes por *y* para evitar confusão.

3.<sup>a</sup> A vogal *u*, inicial de palavras, é representada por *v*.

4.<sup>a</sup> A consoante *v*, média de palavra, é sempre representada por *u*; a consoante *v* é sómente empregada como inicial de palavra.

5.<sup>a</sup> A ditongação das vogais é representada por *m* antes das vogais e de *b*, *m*, *p*, e do pronome enclítico, e no fim de palavra; e por *n* antes das outras consoantes. Quando na linha falta espaço, a ditongação é representada por *til*.

6.<sup>a</sup> Nas vogais dobradas o *til* é colocado sobre a segunda vogal, assim *yrmaã*.

7.<sup>a</sup> O artigo definido singular masculino é escrito quási sempre *ho*; a interjeição (vocativo) *ó*, é escrita *o*.

A partícula *ao* é também escrita *ho*, assim *ho reuez* (1, 10; 245, 3).

8.<sup>a</sup> Os pronomes enclíticos são umas vezes juntos ao verbo, formando com êle uma palavra, outras vezes separados.

9.<sup>a</sup> A partícula (conjunção) *senam* é escrita poucas vezes em uma só palavra, *senam*, mas quási sempre os seus elementos são separados, *se nam*.

**SINAIS DE PONTUAÇÃO.** – Os sinais de pontuação usados no paleótipo são a vírgula (um traço inclinado na largura da linha), os dois pontos e o ponto final: mas na impressão do paleótipo estes sinais faltam quási por completo.

Na impressão do paleótipo não se empregaram acentos; esta falta poderia produzir alguma hesitação na leitura de algumas palavras isoladamente; mas o sentido do discurso desfaz fácilmente o equívoco.

**REVISÃO DAS PROVAS DA IMPRESSÃO DO PALEÓTIPO.** – A composição tipográfica do paleótipo foi revista e corrigida; contudo observa-se ainda um número considerável de erros tipográficos evidentes.

**PALAVRAS RARAS.** – A linguagem da tragédia é a da língua portuguesa culta, usada pelos escritores da primeira metade do século XVI; todavia há a notar as seguintes palavras pouco usadas: *apertura* (apêrto), *canso* (cansaço), *descuidança*

(descuido), *desditado* (desditoso), *desigual* (sem igual), *escuridade* (escuridão), *falsia* (falsidade), *folgura* (folgança, folguedo), *lastimeira* (lástima), *mansidade* (mansidão), *seguridade* (segurança), *seruidumbre* (seruidão), *torpidade* (torpeza), *tristor* (tristeza), *tristura* (tristeza); contudo a maior parte destas palavras são empregadas para satisfazer a rima dos versos.

**TÍTULO DA TRAGÉDIA.** – O título da tragédia, breve e em poucas palavras, não é bem evidente no paleótipo. Na página do rosto está impresso: *Tragedia da Vingança que foi feita sobre a morte del Rey Agamenom*; e na subscrição: *Aqui fenece a tragédia de Orestes*. Adoptou-se o título *A Vingança de Agamenom*, que representa melhor a primeira frase da página do rosto,

e que provavelmente é composição de Anrique Ayres Victoria, pois que a subscrição é certamente composição do impressor Germão Galhardo, e também porque aquele é o título da tragédia castelhana<sup>1</sup>.

**IMPRESSÃO.** – A seguinte impressão da tragédia é conforme, quanto possível, com a do paleótipo; contudo fizeram-se as seguintes modificações:

1.<sup>a</sup> Para facilidade da composição tipográfica, e da leitura, desfizeram-se as abreviaturas de grupos de letras.

---

<sup>1</sup> O emprêgo da palavra *vingança* no sentido de *vingança que foi feita (ou tomada) pela morte de*, é usado no título de outra obra muito vulgar na idade média, a saber: *Vindicta Salvatoris* (em latim); *La vengeance de nostre saulueur et redempteur Jhesu crist* (em francês antigo); *La vengeance du Sauveur* (em francês moderno). Cf. Gaston Paris, *La littérature française au moyen âge*, Paris, 1905, n.º 140; C. Chabaneau, *La Prise de Jérusalem ou la Vengeance du Sauveur*, texto provençal, Paris, 1890; *História de Vespasiano, imperador de Roma*, Lisboa, 1905.

2.<sup>a</sup> Como sinal de nasalização das vogais, em vez do *til*, que é um sinal de abreviatura, empregou-se o *m* antes das vogais, de *b*, *m* e *p* e no fim de palavra, e o *n* antes das outras consoantes; com exceção das palavras *hũ*, *hũa*, *algũ*, *algũa*, *nenhũ*, *nenhũa*.

3.<sup>a</sup> Em vez de *J* (vogal) inicial de palavra que começa período, ou de nome próprio, empregou-se *Y*; e em vez do *j* (vogal) inicial de nome comum, empregou-se *y*.

4.<sup>a</sup> Em vez de *v* (vogal) inicial de palavra empregou-se *u*.

5.<sup>a</sup> Empregou-se letra maiúscula na inicial dos nomes próprios de pessoa e de lugar.

6.<sup>a</sup> O pronome complemento *mim*, que no paleótipo é escrito *mi*, *my*, *mĩ*, foi transcrito por *mim* antes de vogal, e por *mi* antes de consoante.

7.<sup>a</sup> Uniformizou-se a escrita de algumas palavras, como *milhor* (melhor), *pera* (para), *piadade* (piedade), *rezam* (razam).

8.<sup>a</sup> Corrigiram-se os erros tipográficos evidentes.

9.<sup>a</sup> A urna, em que foi trazido a Micenas o corpo fingido de Orestes, é designada quási sempre pela palavra *caixa*, e uma vez (219, 3) por *arca*; adoptou-se sempre esta palavra, que era a mais comumente usada no século XVI, e que designa mais propriamente uma urna capaz de encerrar o corpo de Orestes, em vez da palavra *caixa*, que provavelmente é alteração devida ao impressor Germão Galhardo.

10.<sup>a</sup> Para melhor compreensão colocaram-se sinais de pontuação, que no paleótipo faltam quási completamente. O emprêgo dos sinais de pontuação é

evidentemente uma interpretação do texto; contudo procuramos com isso aproximar-nos do pensamento, que o autor pretendeu exprimir.

Em seguida ao texto da tragédia são dadas as leituras exactas do paleótipo, correspondentes aos n.<sup>os</sup> 3, 4, 7, 8 e 9.

## Tragedia da vingan-

ça que foy feita sobre a morte del Rey Agamenom. Agora nouamente tirada de Grego em lingoagem: trouada por Anrrique Ayres Victoria. Cujo argumento he de Sophocles poeta Grego. Agora segunda vez impressa e emmendada e a-nhadida pello mesmo Autor.



Começa a tragedia de Orestes tirada de Grego em Romance trouada<sup>1</sup> por Anrrique Ayres Victoria, natural do Porto, e deregida<sup>2</sup> a muy manifica senhora Dona Violante de Tauora.

### Prologo.

Muy manifica senhora, tem algũs<sup>3</sup> por openiam e assi ho ousam afirmar, ser vicio e tacha e cousa desnecessaria ocuparemse<sup>4</sup> os homẽs a ler tresladar ou declarar os poetas antigos, e a causa e rezam<sup>5</sup> que dizem e alegam por si, e afirmam estes que a tal openiam<sup>6</sup> tem: he porque os antigos poetas nam foram cristãos, nem souberam

---

os artigos da fee, nem as cousas que a nossa saluaçam pertencem<sup>7</sup>, assi como as escreueram e deixaram escriptas os sanctos, em cujos liuros nos deuiamos ocupar mais afincadamente: que nos outros que nam sam de tanto fruyto. Ysto nam me deixa de parecer bem, e digo que he cousa assaz boa e necessaria: porem nem por yssso lhes concedo nam ser proueitoso<sup>8</sup> e nam de pequeno proueito, leer e gastar tempo nestes antigos, se lessem e entendessem ao fim e moralidade pera que<sup>9</sup> escritos foram: ysto se quiser atentar e esquadrinhar qualquer leitor, nam deixara de tirar delles muyta doutrina e grande exemplo de vida, ainda que em ho mais fabuloso poeta se ocupasse: e porem se isto nam teuer e consirar, nem de hũs nem de outros se aproueitara nem tirara fruyto

algũ<sup>10</sup> : e porque clara e manifesta cousa [he] que se muytas cousas, que estam escritas assi nas deuinias como humanas letras, se entendessem ao pe da letra tam soamente, que seria riso dizer que dellas se podia redegir e tirar doutrina ou exemplo pera bem e onestamente viuer: assi como na ley velha mandar Deos que ho animal que teuesse a unha<sup>11</sup> fendida fosse pera sacrificio e nam outro, porque este seneficaua ho<sup>12</sup> amor que auemos de ter com Deos e com ho proximo: outras muytas cerimonias figuras e parabolias, que em ho testamento nouo e velho se podem ver, as quaes entendidas simplezmente parecem cousa mais de zombaria e

escarneo que nam de doutrina: mas se ho çumo<sup>13</sup> e ho entrinseco dellas se atenta, nam ha hy cousa mais doce mais agradauel deleitosa nem de mais fruyto: assi muyto manifica senhora, acho nam auer ahy nenhũa fabula escrita por qualquer daquelles antigos poetas que eram grandes philosophos<sup>14</sup>, da qual nam possamos tirar grande doutrina<sup>15</sup> moral: exemplo daquelle Prometheo que por auer elle<sup>16</sup> restituydo ho fogo aos mortaes contra vontade de Jupiter, vieram ao mundo as doenças e aduersidades que nelle ha, que outra cousa nos mostra e senifica ysto se nam<sup>17</sup> grandes males estarem prometidos aos que a sciencia deuina querem usurpar<sup>18</sup>, dizendo que adeuinham, e que querem fazer cousas que so a Deos pertencem<sup>19</sup>: e aquelle Acteom grande caçador que nos

mostra por sua desastrada e cruel morte, se nam que os que em caças e vicios deleitosos, nam se lembrando daquelle<sup>20</sup> sumo Deos que os criou, gastam seu tempo, e por derradeiro vem a ser comidos dos cães Acteom que sam seus vicios, e padecem e acabam mal e com desuenturado fim seus dias. E assi nesta presente obra Egisto, que era adultero viuendo e permanecendo em vicio sem se querer delle apartar, foy a punhaladas por Orestes morto, que outra cousa he se nam os maos ensistindo em sua maldade nam poderem acabar em bem: e por Clitennestra<sup>21</sup> molher del Rey Agamenom conhecemos de quanta culpa sam dinas<sup>22</sup>, e quanto mal pera si buscam e causam a

---

outrem, as que de taes excessos e dilictos sam cometedoras: e assi pello contrairo dinas de eterna memoria e grande louuor, as que sempre ham veuido bem e onestamente cada hũa em seu estado. Assi, muy manifica senhora, que considerando esta obra trazer algũ fruito, quis a V. S. deregila, pera que as pessoas que a vissem<sup>23</sup> se enclinassem e mouessem a lela, vendo que pois me eu atreuia a ella ha entitular, que nam podia deixar de me parecer que traria doutrina aos que a lessem, com aquella entençam e aquelle fim com que ho este e outros poetas escreueram, os quaes sam espelhos de exemplo pera os que querem euitar e fugir os maos principios, donde poucas vezes ou nunca nos socede bem, e imitar seguir e abraçar os bõs, dos quaes<sup>24</sup> ainda que bem

nos nam venha neste mundo, ja nam se da culpa por os cumeços serem maos, e ao fim quando nos neste mundo nam sam galardoados, Deos que he bom e justo por elles da na outra vida a gloria: a qual tenha por bem de dar depois de muytos annos de vida a vossa S.

---

<sup>1</sup> trouado

<sup>2</sup> derrigida

<sup>3</sup> alguũs

<sup>4</sup> ocuparemce

<sup>5</sup> razam

<sup>6</sup> que ] ã – openiam ] operaçam

<sup>7</sup> pertencem

<sup>8</sup> proueitoso

<sup>9</sup> que ] ã.

<sup>10</sup> alguũ

<sup>11</sup> vnha

<sup>12</sup> o

<sup>13</sup> cumo

<sup>14</sup> philofos

<sup>15</sup> dotrina

<sup>16</sup> ele

<sup>17</sup> senão

<sup>18</sup> vsurpar

- 
- <sup>19</sup> pertēce  
<sup>20</sup> daquele  
<sup>21</sup> Clitēnestra  
<sup>22</sup> dynas  
<sup>23</sup> vissen  
<sup>24</sup> dos quaes ] dos (?) q̄ea

## A morte de Agamenom.

Quando os Gregos, manifica senhora, queriam passar sobre Troya por amor da roubada Ylena<sup>25</sup> molher de Menalao que Paris de Grecia leuou, ajuntaram seus exercitos em Aulide, onde el rey Agamenom yrmão de Menalao matou hũa serua<sup>26</sup> de Diana, que naquelle tempo tinham por deosa, nam sabendo que era sua: mas disto offendida Diana que tinha poder sobre os ventos, nam lhes quis dar bom tempo ate que lhe sacrificassem a Yphigenia filha de Agamenom e a matassem em seu louuor: e como quer que os Gregos tinham grandes desejos de vingarse da injuria a elles feita por Paris troyano, filho del rey Priamo de Troya, consentiram em ho por Diana a elles pedido<sup>27</sup>, e mandaram pedir Yphigenia

---

a Clitennestra sua mãy dizendo que a queriam casar com Archiles, a qual foy leuada a Aulide, onde os Gregos estauam, por Clitennestra sua mãy: e vendo pera que auiam leuado que era pera<sup>28</sup> sacrificala a Diana, começou aborrecer Agamenom seu marido, e por isto e por a longa tardança da guerra de Troya deu lugar a Egisto que muyto a amaua, de cumprir sua vontade, e viueo com elle<sup>29</sup> em adulterio, ate que passados dez annos Troya foy destruida: tornando pois Agamenom a Grecia vencedor, Clitennestra lhe deu hũa vestidura sem abertura por onde podesse tirar a cabeça. A qual vestindo Agamenom achandose embaraçado com ella, Egisto<sup>30</sup> sayo de hũ lugar escondido donde estaua, e elle e Clitennestra ho mataram: e ficaram filhos de Agamenom que ouue em Clitennestra: Orestes que era ainda menino de pouca ydade, e duas suas yrmãs<sup>31</sup> Elecha e

Chrisothemis<sup>32</sup>. E Egisto e Clitennestra queriam<sup>33</sup> matar a Orestes, porque nam ficasse quem podesse vingar a morte de seu pay Agamenom. Mas Elecha que ho soube, o liurou de morte, e o deu a hũ bom homẽ que ho criasse escondido. Ho qual ho<sup>34</sup> leuou a cidade de Crissa, e alli ho criou e ensinou de tal maneira como a filho de Agamenom pertencia.

### Argumento da presente tragedia.

Seendo Orestes de ydade pera poder vingar a morte de seu pay Agamenom, tornou a Micenas donde estaua Egisto e Clitennestra a seu vicio. E trouxe consigo ho ayo que ho<sup>35</sup> auia criado, e a Pilades hũ mancebo que era seu especial amigo. E ho ayo se fez como

---

<sup>1</sup> L. 5. o – 10. arca ] caixa.

mensageiro que era mandado a Clitennestra de hũ seu amigo, chamado Phanoteo, com nouas que Orestes era morto. As quaes ella creo. E da hi a pouco chegou Orestes e Pilades com hũa arca<sup>36</sup> cuberta com pano negro fingindo vir dentro ho corpo de Orestes defunto. E com isto ouueram lugar de entrar seguros em ho paço real, e mataram a Clitennestra: e depois saindo toparam com Egisto, ho qual tambem mataram. E assi Orestes vingou a morte de seu pay liurando a Elecha sua yrmãa de muyto ma vida que lhe dauam Clitennestra e Egisto, e de enfindas lagrimas que choraua cuidando que elle era morto.

## Interlocutores.

AYO. ORESTES. PILADES. ELECHA.  
CHRISOTEMIS. CLITENNESTRA. EGISTO.  
CLIMINES. ETHRA. Estas CLIMINES e ETHRA  
são duas mulheres que acompanhavam a  
ELECHA.

---

<sup>25</sup> Ylona

<sup>26</sup> serua ] *leia-se cerua (Electra, v. 568).*

<sup>27</sup> pedindo

<sup>28</sup> para

<sup>29</sup> ella

<sup>30</sup> Egysto

<sup>31</sup> irmãs

<sup>32</sup> Crissothemes

<sup>33</sup> queria

<sup>34</sup> o (2.º).

<sup>35</sup> o

<sup>36</sup> arca ] caixa.



Sena primeira<sup>37</sup>, em que se contem

AYO. ORESTES.

AYO	Aquestes, Orestes, sam campos de Grecia chamados: descance teu coraçam, porque de todo seram teus desejos acabados.	1
	E aquella gram cidade, que dessoutra parte ves, he Arguos de anteguidade e de grande potestade: e olha ca ho reues:	2
	E veras hũa espessura por esta parte estar soo, que he ho bosque de Yo, que cobrou sua figura no Nilo feito de poo.	3

E a tua esquerda mão 4  
aparecem hũs edificios,  
honde os sacerdotes vão  
dApollo com deuaçam  
a fazer seus sacrificios.

Reconhece pois agora 5  
a cidade de Micenas,  
honde a tua alma mora:  
e descancem nesta hora  
tuas fadigas e penas.

Porque esta he aquella, 6  
onde os teus pensamentos  
sempre tinhas sem cautela:  
e pois te ves apar della  
acabem ja teus tormentos.

E aqui foste liurado 7



que Agamenam foy dada.

A qual çuja acharas 11

com ho sangue de teu pay:

e logo ho vingaras,

de que gloria ganharas

matando a tua may.

Teu animo exalça agora, 12

cuidando quanto te obriga

a virtude que em ti mora,

pera vingar nesta ora

morte tam mal merecida.

Acordate das feridas 13

que assi lhe foram dadas,

e das glorias tam sobidas

pollos tiranos auidas,

que por isso tem ganhadas.

E teras atreuimento 14

de cumprir tua empresa,  
pois que tões tam bom cimento  
reuolue em teu pensamento  
hũa tam grande crueza.

Esta noite he ja passada, 15  
e ho sol quer sayr ja  
a cumprir sua jornada:  
e aqui nossa estada  
pouco proueito nos da.

Tambem ho tempo nos falta 16  
pera conselho tomar  
nesta empresa tam alta:  
e pois que Febo se esmalta,  
sera bom determinar.

Olha pois com gram prudencia, 17  
que ha breuidade do tempo  
he remedio a deligencia:

nisto ha muyta negligencia  
nunca faz bom fundamento.

ORESTES      O ayo muyto amado,      18  
por cuja doutrina espero  
a meu pay fazer vingado,  
e exalçar meu estado  
nam cayndo em nenhum erro:

Como a pay te ey de amar,      19  
pois como a filho me amas:  
e em teu amoestar  
bem me das a demostrar  
que meus imigos desamas.

Teu conselho diligente      20  
he a meu contentamento,  
pois minha honrra he contente:  
e mais me he pertencente  
conselho que ardimento.

AYO	Conselho nam faltara, segundo tenho cuydado: creo que muy bem sera, que a estas casas vaa pera ser mais auisado: e aos tiranos yrey,	21      22
	como que sam mensageiro e que es morto lhe direy, e com isto fingirey ser em todo verdadeyro.	
	O qual elles bem creram de tu seres ja finado, e de ti descuydaram, e nam ficara em vão aqueste nosso cuydado.	23
ORESTES	A mim yssso bem parece, ayo, pera auer entrada: e aos deoses aprouuesse	24

que verdade se fizesse  
essa morte desastrada.

Se me ouuesse destrouar                    25  
a fortuna muy cruel,  
pois que soe de contrastar  
aos bõs te os matar,  
e aos maos he fiel:

porem eu em deos confio                    26  
pois que he tam poderoso,  
que nam me dara desuio  
pera me sair valdio  
meu desejo deseioso.

Porque a elle nam lhe apraz                27  
hum feito tam mao e visto:  
elle me fara capaz,  
e me dara força assaz  
pera me vingar de Egisto.

AYO                    Pois em tanto que eu for,                    28  
cobri hũa arca capaz  
com hũ negro cobertor,  
porque pareça melhor,  
que ho morto dentro jaz.

E quando vos parecer                    29  
que compri ho meu mandado,  
ambos com grande saber  
podereis yr e dizer  
ser este ho corpo passado:  
ho qual lhe he enuiado                    30  
de algũ amigo delle  
pera ca ser sepultado,  
que assi ho deixou mandado  
em seu testamento elle.

Desta maneira podeis                    31  
muy bem seguros entrar,

vossos imigos vereis,  
e delles vos podereis  
a vontade bem vingar.

ORESTES      Todo assi se comprira,      32  
como nos aconselhaes:  
e a deos aprazera,  
que ninguem nam olhara  
em estes nossos sinaes.

Mas se te a ti aprouer,      33  
primeiro ao templo yremos  
aos deoses nos offerecer,  
e como pera offender  
ysto nos ho nam fazemos:  
e depois tu tornaras      34  
fazer ho que he acordado.

AYO      Vamos, e tambem veras  
ho sepulchro, em que acharas  
teu pay jazer sepultado.

**Sena segunda**, em que se contem

ELECHA.CLIMINES.ETHRA.

ELECHA	O lumes, terra e ar, que no ceo resplandeceis, vinde a testemunhar minha pena e meu pesar: e dizeyme se sabeis, ate quando durara minha vida atormentada, e quando se acabara, porque me desejo ja della ser cedo tirada.	35     36
	Ja nam ha gentes que sintam estes meus tristes gemidos: e as casas donde abitam, os lauores se despintam com lagrimas de meus gemidos.	37

Que conforto posso ter, 38  
pois estou antre estas dores:  
quem me pode guarecer,  
porque ja qualquer prazer  
me da penas muy mayores.

Meu pay despois que venceo 39  
os Troyanos em crua guerra,  
seu nome esclareceo,  
como que muyta honrra deu  
a Grecia, sua terra.

E ao tempo que vinha 40  
a sua casa folgar,  
do trabalho que sostinha,  
e que ja passado tinha,  
polla terra e pollo mar:

Como aquelle que aportaua 41

no porto de seu descanso,  
onde elle esperaua  
que a gente se saluaua  
ho seruissem sem ter canso:  
Minha mãy com quem queria      42  
comunicar sua gloria,  
ho matou com gram falsia,  
em quanto elle queria  
vestirse, sem ter memoria:

Do grande amor, que lhe tinha,      43  
sem nenhũa falsidade.  
Dize, ho molher mesquinha,  
porque foste tam daninha,  
chea de tal crueldade.

E tu, Egisto, vencido      44  
de amor tam abominable  
esteueste apercebido,  
em hũa camara metido,

pera dar morte inefable.

O padre meu, que nas cruas 45  
guerras foste vencedor,  
nam temendo espadas nuas,  
foste em as terras tuas  
morto por este tredor.

Ay que os maos nam ofendem, 46  
se nam onde nam ha confiança,  
e ally sua yra estendem,  
e a muytas gentes vendem,  
sem nenhũa temperança.

O madre minha, tredora, 47  
a quem nenhũa reuerencia  
deuo, pois es matadora:  
eu chorarey cada ora  
tua pouca violencia.

Pois somente me pariste 48

pera chorar teus maos feitos:  
dize ho que em meu pay viste:  
pera sempre serey triste  
por ser criada a teus peitos.

Como podeste matar, 49  
a quem tanto te amaua,  
e outro foste tomar:  
mas elle te deu lugar  
porque de ti confiaua.

E nam quizeste olhar 50  
ho inferno aparelhado,  
pera os males castigar:  
as penas que te ham de dar  
por cometer tal pecado.

Nam viste ho merecimento 51  
de meu pay Agamenam:  
mas com maldade, sem tento,

a mi deste gram tormento,  
a elle morte a treiçam.

Nam olhaste a orfandade 52

dos filhos que delle tinhas:  
nam olhaste a lealdade,  
nem as leis de castidade,  
nem menos lagrimas minhas.

Deuia tomar vingança 53

todo genero humano  
em ti logo sem tardança,  
pois que sem ter temperança  
offendeste ho soberano:

Em corromper feramente 54

as leis do ajuntamento,  
em que todos juntamente  
com amor muyto feruente  
conseruam ho sacramento.

Inda que por outra parte 55  
teueste algũa rezam,  
nisto quero desculparte  
de matares com tal arte  
a meu pay Agamenam:  
que nam eras merecedora 56  
de tu teres tal marido,  
nem delle seres senhora:  
e maldita seja a ora  
que ho oueste conhecido.

O Agamenom, pay meu, 57  
pay desta desventurada,  
que mais lagrimas verteo,  
que tu verteste sangue teu,  
quando a morte te foy dada:  
se me visses tu agora 58  
em seruidume tam forte,  
nam se penaria a ora,

e a dor de tua morte,  
dor de que minha alma chora.

A tua filha verias, 59  
a qual tu tanto amaste,  
que aborrece os seus dias,  
porque orfãa a deixaste,  
metida em taes agonias.

Veriala mal tratada, 60  
por te ser muy piadosa,  
de minha mãy desprezada:  
veriala muy chorosa,  
no coraçam lastimada.

Nam quero por terte amor 61  
desejarte nenhũ mal,  
nem que vejas minha dor,  
a qual he tam desigual,  
que nam pode ser mayor.

Vejo eu, desventurada, 62  
a Egisto teu reyno herdar:  
e tua camara honrrada  
com teus vestidos husar  
com Clitennestra maluada.

Em sua cabeça vejo 63  
a coroa que foy tua:  
e as mãos, que com desejo  
te deram morte tam crua,  
trazem ho ceptro sem ter pejo.  
As quaes por mais crueis ser 64  
ho meu sangue nam derramam:  
bem ho querem inda verter,  
porque muyto ho desamam,  
sem de mi piadade auer.

Say, furias infernaes, 65  
pois nam ha misericordia

em as gentes terreaes:  
tirayme desta discordia,  
pera que nam viua mais.

Empregay a crueldade 66  
em homens tanto danados,  
que se saiba de verdade,  
que vos fostes ordenados  
pera vingar tal maldade.

CLIMINES

Elecha, nobre donzella, 67  
chea de zelo muy sancto,  
bem vemos tua querela,  
e quem causa este teu pranto,  
e quem he a causa della.

Em te perder soo a ti, 68  
teu pay muyto mais perdeo  
que a vida, pois assi  
ho teu amor conheceo,  
que lhe teueste ate qui.

E os tam crueis tiranos, 69  
que ho mataram cruamente,  
nam fizeram tantos dannos  
em ho matar duramente,  
como em te ser humanos.

Peço a deos com affriçam, 70  
que seja tal seu cimento,  
que fartes teu coraçam  
em veres seu perdimento,  
perdimento com rezam.

Mas tu, senhora, antre tanto 71  
algũ remedio procura:  
cesse ja esse teu pranto,  
nam te vas a sepultura  
com tam terrible quebranto.

Que nam as te peruerter 72  
tu as leys de natureza  
com teu chorar e gemer:

mas antes tua tristeza  
com yssso veras crecer.

ETHRA           As lagrimas cessem ja,           73  
renoua teu coraçam:  
e a teu pesar fim da,  
porque com ter mais paixam  
ho remedio nam se ha.

De ti ho pesar desuia,           74  
os males de ti desuara,  
espide toda agonia,  
porque nos em tua cara  
recebamos alegria.

ELECHA       Yrmãs minhas, muyto amadas,   75  
que assi me aconselhaes,  
vossas palauras olhadas,  
e ho conselho que me daes,  
he de bem aconselhadas.

Porem ho acordo melhor, 76  
eu nam sey se sam discreta:  
estando neste ardor,  
he seguir homẽ a praneta,  
que lhe da ho alto senhor.

Porque a minha me condena 77  
pera chorar e gemer,  
resistila he mayor pena,  
pena nam pera sofrer,  
e hũa dor nam pequena.

Pois deixaime a mi fazer, 78  
como fazem os doentes,  
que desejam de beber,  
nam olhando inconuenientes,  
que lhe podem recrecer:

Que ham por melhor gostar 79  
daquella agoa saborosa,

que polla vida esperar,  
a qual esta perigosa  
pera se assegurar.

E eu antes chorar quero 80  
esta morte desastrada,  
que a vida que espero,  
nam sendo por mi chorada  
com este pranto tam fero

Rogouos, que me digaes, 81  
antes que me dar conforto,  
que lagos ambas cuidaes  
que eu tenho em meu corpo,  
pera que nam chore mais.

Onde se hão de agasalhar 82  
as lagrimas de meus olhos,  
pera deixar de chorar,  
pois que me saem aos molhos  
sem as poder refrear.

	Tambem que capacidade	83
	posso ter dentro em meu peito,	
	pera reter mansidade,	
	de gemidos com derecho,	
	desta tam grande maldade.	
	Os quaes despois de saydos	84
	os ares abafaram	
	com soma de alaridos:	
	auey de mi compaixam,	
	e fazey prontos ouuidos.	
	E nam me queiraes tapar	85
	estes meus respiradores	
	do fogo, que he sem par,	
	que me causam tantas dores,	
	quaes nam saberey contar.	
ETHRA	Pois que assi te apraz,	86
	dize, se tões esperança,	
	ou se remedio te traz	

de algũa confiança,  
que em tua alma jaz.

Pera que nos a tenhamos 87  
com verte alegre algũ dia,  
porque ja desesperamos  
de te vermos alegria,  
ho que tanto desejamos.

ELECHA Sosteueme a esperança 88  
de Orestes, meu yrmão:  
mas a minha maa andança  
causa tanta dilaçam,  
dilaçam com tal tardança.

ETHRA Pois nam a deixes passar. 89

ELECHA Muy dura cousa seria  
de me eu ja confiar,  
de quem assi me queria  
com dilaçam enganar.

	Porque esta minha ydade ja requiere companhia, e nam esta orfandade: e filhos ja ter deuia, e sayr de escuridade.	90
	Tambem receber conforto com vinda de meu yrmão, ho qual creo ser ja morto, que esta sua dilaçam me da muy gram desconforto.	91
	Temo que de mi nam ache, se nam os ossos somente, e que a morte me despache: que vos juro certamente, que a ella nam me agache.	92
ETHRA	Ydo, nam creo: se nam que muy cedo elle vira,	93

e liurarte de paixam:  
e se nam, elle errara  
fazendo doutra feiçam.  
Porque tu es tal yrmãa,  
que mereces todo bem,  
com vontade muyto sãa:  
em deos esperança tem,  
que te nam sayra vãa.

94

ELECHA

Muyto me he obrigado  
a mim Orestes, de sorte  
que elle por mi foy liurado,  
querendolhe dar a morte  
aquelle Egisto maluado.

95

Eu da morte ho tirey:  
e tendoo assi tirado  
logo a crialo dey  
a hũ velho muyto honrrado,  
e muyto lho encarreguey.

96

O yrmão, o yrmão meu, 97  
pois te liurey do perigo,  
alembrete ora eu,  
nam me sejas enemigo,  
pois padeço pollo teu.

Eu bem posso ser chamada 98  
tua mãy muy verdadeyra,  
pois que por mi te foy dada  
toda tua vida inteyra,  
sendo da morte liurada.

Tu tões por mim ho prazer, 99  
e ho prazer por mim ho tões:  
vemme, vemme socorrer,  
dize, por que te detões,  
que ja me nam vões a ver.

Tões minha alma desterrada 100  
de meu corpo onde estas,  
viuendo atribulada:

vem, vem e satisfaras  
a esta yrmãa tam cansada.

Mas eu me tenho por paga                    101  
com a gloria de ho ter feito.

CLIMINES

O senhora, acaba, acaba,  
nam sejas pera teu peyto  
hũa tam cruel adaga.

Nam te ocupe o pensamento                102  
em cousas de tanta dor:  
toma algũ contentamento,  
o qual te sera melhor,  
que tomares tal tormento.

ELECHA

Como poderey falar                            103  
eu se nam neste meu mal  
por algo desabafar:  
que cousas doutro metal  
mal me poderam fartar.

Vendo que ey de servir, 104  
a quem a meu pay matou,  
e que ho veja residir  
em os reynos que deixou,  
e os seus panos vestir.

E minha mãy me aborrece, 105  
porque sam tam piadosa:  
em os males preualece,  
e me he muy rigurosa,  
minha fee nam ho merece.

ETHRA Coraçam te deu natureza, 106  
e olhos e fermosura,  
e saber, que he gram riqueza,  
e outros dões de natura  
que pertencem a tua alteza.

Mas com dares tantos ays 107  
os corrompes com gemidos.

ELECHA

Os dões, que sam naturaes  
pera outros sam amigos,  
e a mi danamme mais.

Olhos, pera que os quero, 108  
nem pera que quero ver,  
pois hum yrmão, a que espero,  
fortuna mo ha de deter,  
e de vello desespero.

Vejo minha mãy dormir 109  
com seu adultero Egisto,  
sem ninguem lho empidir:  
pois os olhos que vem ysto,  
pera que querem servir.

Vos ontros melhor estaes, 110  
a quem os olhos falecem,  
que eu dando tantos ays,  
e os que douuidos carecem,  
porque meu mal nam ouçaes.

	Porque eu, se assi me vira, ho mal nam me fora mal, se nam vira nem ouuira, minha pena desigual ao menos nam sintira.	111
CLIMINES	Di, senhora, sabes certo que nos nam podem ouuir: Egisto, que estamos perto donde elle soe dormir, nam ouça nosso concerto.	112
ELECHA	O dona, minha amiga, de Egisto nam ey temor, que em elle me dar a vida, se me acrecenta a dor, e se me dobra a fadiga. Quanto mais que meu falar he com muyta mansidade: e elle foy a caçar	113 114

la bem fora da cidade,  
porem oje ha de tornar.

ETHRA            E Orestes, yrmão teu,            115  
saves onde estara.

ELECHA           Em Crissa creo que esta,  
e mil vezes me escreueo,  
que cedo vira de la.  
Pera cumprir meu desejo            116  
sua vinda desejada:  
porem eu inda nam vejo,  
que cumpra a esta jornada:  
eu não sey que lhe faz pejo.

ETHRA            Senhora, tem confiança,            117  
que vira muy certamente:  
e que esta sua tardança  
he pera mais fortemente  
te dar inteira vingança.

Sena terceira<sup>38</sup>, em que se contem

CHRISOTEMIS<sup>39</sup>. ELECHA

CHRISOTEMIS Muytas vezes com cuydado, 118  
yrmãa, te ey requerido,  
e com lagrimas rogado,  
que este teu pranto crecido,  
ja por ti fosse deixado:  
e vejote eu agora 119  
por elles em mais paixam:  
rogote, yrmãa, senhora,  
que tomes consolaçam,  
nam te sejas matadora.

Pois se assi vai desta sorte, 120  
Egisto esta indignado,  
a te dar prisam muy forte,  
por Orestes ser liurado  
por tua mão de crua morte.

	Peçote, yrmãa, por tanto, que de todo cesse ja este teu crecido pranto: pois remedio nam se da chorares com tal quebranto.	121
ELECHA	Chrisotemis, bem parece, quam pouco tões no sentido este pesar tam crecido, que em cuydalo desfalece meu coraçam aborrido. Tambem nam posso deyxar esta minha grande dor.	122 123
CHRISOTEMIS	Tu nam deyxes o pesar, mas tira de fora a cor, que te podera danar.	
ELECHA	O quem fazelo podesse:	124

mas dizem la hũ primor,  
ho qual he, se nam me esquece:  
Liuiano es el dolor,  
que de fora no parece.

CHRISOTEMIS Pois, Elecha, eu te digo, 125  
que ho deues de guardar  
pera tempo sem perigo,  
que se ho queres mostrar,  
Egisto he teu enemigo.

Regete com mansidade, 126  
amansa tuas querelas,  
que os que vão com tempestade,  
tiram a mor parte das velas,  
por yr com seguridade.

Recolhe tuas querelas 127  
dentro em teu coraçam:  
e nam te enganem ellas,  
e te deitem em perdiçam

dandolhe todas as velas.

Nos deoses tem confiança, 128  
e nam te vas a perder  
com tua destemperança,  
porque auendo ahi bonança  
bem lhas podes estender.

ELECHA Teus conselhos, yrmãa minha, 129  
pera eu tomar prazer,  
bem escusados os tinha:  
e por tanto as de saber,  
que a morte me he mezinha.

Pera ti guarda os prazeres, 130  
leyxame a mi chorar:  
que de mi ja nam esperes,  
que leyxe este pesar:  
tu os toma, se poderes.

Porque tu fazendo assi, 131

de todos seras seruida,  
acatada e temida:  
e eu estarey aquy  
maldizendo minha vida.

Tu comeras mil manjares,                   132  
que te dem consolaçam:  
eu estarey na prisam,  
comendo tristes pesares,  
bebendo graue paixam.

Dormirey na terra dura                   133  
sem de mi terem lembrança:  
pois tenho tanta tristura,  
queira minha boa andança,  
que me va a sepultura.

Entam tera companhia                   134  
minha alma a do pay meu:  
e entam lhe mostraria,

como mouro pollo seu  
recebendo alegria.

Pois vay tu, yrmãa, agora 135  
deixa este conselho vão:  
e dize a tua senhora,  
que abreuie esta paixam,  
e nam ande de ora em ora.

CHRISOTEMIS Yrmãa, embaixadas taes 136  
nam desejo de fazer:  
mas vede se me mandaes,  
o que ouuerdes mister,  
ou necessidade tenhaes.

ELECHA Nam esta em tua mão 137  
poderme remediar.

CHRISOTEMIS Por essa arte em vão  
logo aqui ho meu tardar:  
porem meu conselho he são.

	Nam me quero mais deter contigo nesta contenda: pois nam te vejo prazer, vou leuar minha offrenda.	138
ELECHA	Offrenda de que ha de ser.	
CHRISOTEMIS	Muy ricos perfumes sam.	139
ELECHA	E por quem se ham de queimar.	
CHRISOTEMIS	A honor de Agamenam.	
ELECHA	He modo de celebrar sua morte com treiçam.	
CHRISOTEMIS	Sua yra quer aplacar: e por yssso lhe offerece taes cheyros pera queimar, porque diz que lhe parece em feguras despantar.	140
	Pollo qual esta espantada, de noyte nunca repousa, viue muy atribulada	141

com taes visões, que nam ousa  
dormir desacompanhada.

ELECHA	Yrmãa, as grandes maldades ellas sam as vingadoras de taes torpes torpidades, recrecendo a todas horas aquessas taes nouidades.	142
	Trazendo no pensamento a maldade cometida, que lhe de graue tormento, nam tendo segura vida, nem em si contentamento.	143
	Quando velam, tem tristeza, quando dormem, sobresaltos, sonhando sua crueza, de temor nunca sam faltos, nem lhes val sua riqueza.	144

E andam acompanhados 145  
contino de gram temor:  
o qual tem este primor,  
que nunca deyxá os culpados  
descuydar de seu error.

No pezar os acompanha, 146  
no prazer os traz cercados  
de milhares de cuydados,  
que nunca os desacompanha:  
assi os traz atormentados.

Assi nossa mãy agora 147  
com ho medo, que tera  
de ser ella a causadora  
de tanto mal, cuydara  
do que he merecedora.

Sempre tera seu sentido, 148  
honde sabe que meteo

ho corpo de seu marido,  
que ella nam mereceo,  
que della fosse querido.

Vendo sua gram falsia, 149  
de olhar pera os ceos  
como tera ousadia:  
onde sabe que esta deos,  
que todas as cousas guia.

Pois eu, desauenturada, 150  
ja nam tenho a que olhar,  
se nam como foy maluada  
em a nosso pay matar  
de morte tam atreçoada.

Eu te rogo, que a maneyra 151  
desses sonhos tu me digas.

CHRISOTEMIS Esta noyte derradeyra  
espertou com mil fadigas,  
que lhe dauam gram canseyra.

	Com gram dor de coraçam espertou aluoroçada, dizendo com gram paixam, que ella vira Agamenam nhũa fonte ensangoentada.	152
	E daquella agoa bebia com muyto grande roydo, ho qual vinha assi ferido, como foy na terra fria despois de morto metido.	153
	Ex a causa principal, porque vou a sepultura com encenso e mirra tal, pera ver se tera cura esta paixam desigual.	154
ELECHA	A morte nam he ligeira cousa pera perdoar: posto que nosso mãy queira	155

com encenso ho aplacar,  
busque, busque outra maneira.

Vayte tu offerecer 156  
as offrendas que leuares:  
que eu me quero retraer,  
cercada de mil pesares,  
apartada de prazer.



queyras me ora escuitar.  
Phanoteo, teu amigo, 160  
por quem eu sam enuiado,  
por seruiço assinalado,  
te manda dizer comigo  
ho que sera declarado.

CLITENNESTRA Dizeme ora essa embaixada, 161  
pois he de tanto prazer,  
que por mim he desejada.

AYO Senhora muyto prezada,  
tu aueras de saber,  
que Orestes, que ja crecia 162  
em grande força e poder,  
pera mayor magoa ser,  
a quem lhe algũ bem queria,  
cruel morte foy auer.

E sendo ja em ydade, 163  
pera que fosse temido,  
a morte sem piadade,  
sendo ja varam crecido,  
ho matou com crueldade.

Estas sam mais prazenteiras 164  
nouas que mandar podia.

CLITENNESTRA Nam sam se nam lastimeiras,  
fora de toda alegria,  
nem tu tal cuidar nam queiras.

Quem se nam cre, nem se vio, 165  
que hũa mãy tome prazer,  
com morte de quem pario:  
mas antes sinto crecer  
o amor que de mi partio.

Porque eu agora ho sento 166  
sayr, que estaua escondido,  
como quando leua ho vento

a cinza, sendo crecido,  
e fica ho lume ysento.

Pois tirado ho temor, 167  
que sempre a meu filho teue,  
fica descuberto ho amor,  
que a mãy a filho ter deue,  
de sua morte tenho dor.

Dous extremos me combatem, 168  
hũ ser segura da vida,  
sem ter medo que me matem,  
outro morte tam dorida,  
que o meu prazer abatem.

E agora estar segura 169  
requere ter alegria,  
e sua morte tristura,  
muyto durar nam podia  
que nam fosse a sepultura.

Milhor foy ser sepultado, 170  
antes que com mais tardança  
em ho meu sangue vingado  
morrera, tendo vingança  
do por ello erro chamado.

Eu te rogo que me digas 171  
ho modo de sua morte:  
se foy em auendo brigas,  
ou fazendo algũa sorte,  
ou sobre caso de amigas.

AYO Sey que os yllustres varões 172  
com Orestes ordenaram,  
tirando mil enuenções,  
hũas festas, e prouaram  
seus muy fortes corações.

Ordenaram mil maneiras 173  
de exercitar as pessoas,

correndo muytas carreiras,  
fazendo mil cousas boas,  
nam lhe alembrando canseiras.

De todos ouue vitoria 174

Orestes sem auer falta,  
tanto que estaua na gloria,  
e sua fama tam alta,  
que ficara por memoria.

Assi estaua no terreiro 175

posto em meyo da gente,  
seu rosto como hũ luzeiro,  
tam claro e resplandecente,  
como valente guerreyro.

Estando assi parecia 176

que era de todos senhor:  
e elle, que ho merecia  
de todos com grande amor,  
era olhado ho que fazia.

Olhauam velhos seu tento, 177  
molheres sua mesura,  
moços seu atreuimento,  
damas sua fermosura,  
dando gram contentamento.

E andando campeando 178  
Orestes com seu caualo,  
sua destreza mostrando,  
tanto que nam sey louualo,  
ho caualo apremando.

O qual muy afadigado 179  
com a força, que trazia  
de correr muyto cansado,  
com quem ho assi regia,  
cayo no chão estirado.

E sendo assi caydo, 180  
tomou debaixo a Orestes,  
e da gente costrangido

se aleuantou muyto prestes,  
ficando Orestes tendido.

Parece que quis mostrar                    181  
fortuna naquelle dia  
seu poderio sem par,  
aaquella gram companhia,  
em ho assi morto deixar.

As lagrimas foram tantas,                    182  
como chuyua desigual,  
ficando a festa tal,  
que ho coraçam me quebranta  
cuydar soo neste gram mal.

O qual logo foy tomado                    183  
pollos daquella cidade,  
em hũa arca encerrado,  
e mandamto com piadade,  
pera ca ser sepultado.

CLITENNESTRA Ysso tem fortuna cega, 184  
e aquesses sam seus feitos,  
que ho que com hũa mão rega,  
quando estam mais satisfeitos,  
com a outra mão os sega.

Orestes em fortaleza 185  
creceo e virtude e fama,  
por se ver nelle a firmeza,  
que ha em a cousa humana,  
morrendo com tal presteza.

Agora sera melhor 186  
ordenarlhe a sepultura,  
que por elle tomar dor,  
pois agora estou segura,  
espedirey ho temor.

Tu que foste mensageiro 187  
daquesta noua tam triste

a Phanoteo, meu verdadeiro  
amigo, dize, estrangeiro,  
a paixam que em mi sentiste.

Mas antes que caminheis, 188

quero que logo nessora  
a Elecha esta noua deis,  
vos outras della sabeis.

ETHRA

Na camara ficou agora.

**Sena quinta**, em que se contem

ORESTES. PILADES. AYO.

ORESTES            Pois que comprido auemos            189  
ho que nos conuem fazer:  
aquy meu ayo esperemos,  
pera ho que passou saber,  
e como nos disser, faremos.

PILADES            Eu tenho tal confiança            190  
em sua muy sabia lingoa,  
que os pora em descuidança  
que nam cayamos em mingoa  
de tomar nossa vingança.

Por tanto esta aparelhado            191  
com teu animo muy forte,  
como varam esforçado,  
nam se estroue por maa sorte,

ho que tões tam desejado.

ORESTES      Como cres que me entrara      192  
fraqueza em meu coraçam,  
vendo, como assi esta  
este reyno, tanto ha,  
em alhea sogeiçam.

O qual he a mi deuido,      193  
e tirado por maldade:  
quando cuydo em meu santido  
hũa tam gram crueldade,  
fico em mim esmorecido.

Quando olho os aposentos,      194  
de que eu era senhor,  
sendo meus proprios ysentos,  
vendolhe outro possuydor,  
se me dobram meus tormentos.

Pois voluendo a cuydar 195

onde esta meu pay enterrado,  
se me dobra meu pesar,  
desejando ser vingado,  
não queria a ysso tardar.

Cuydando nesta maldade 196

certamente me parece,  
que tem tam gram potestade  
ho fogo, que em mi florece,  
que arderia esta cidade.

E nam deues presumir, 197

que meu fraco coraçam  
me aja isto de empedir:  
mas quero aguardar sação,  
e ate meu ayo vir.

Mas antes deues de crer, 198

que a honrra e ho amor  
e desejo de me ver

vingado deste tredo,  
tambem por ho meu auer.

Que nam me pode deter,                    199  
nem he cousa tam bastante,  
ho desejo de viuer,  
que logo em este instante  
ho nam aja de fazer.

Principalmente olhando                    200  
os feytos que outros fezeram,  
em mim estou desejando,  
vendo que vitoria ouueram,  
de a vingança yr começando.

Nem ha de quem recear,                    201  
pois te leuo em companhia,  
e sey que nam as de faltar,  
nem mudar a fantasia,  
mas a vida auenturar.

PILADES	<p>Nam sabes que amizade  nos tem assi ajuntados,  que nenhũa aduersidade  nos pode ter apartados  hũ momento em cantidade.</p>	202
	<p>Tua vontade he a minha,  eu sinto ho que tu sentes,  tal que a alma me adeuinha,  que nam ha inconuenientes,  por tal seguro caminha.</p>	203
	<p>Tem de ambos tal confiança,  qual mesmo tões de ti soo:  pesame em qualquer balança,  e nam ajas de mi doo,  mas em mi tem esperança.</p>	204
	<p>Que eu farey de maneira,  que nos nam falte vitoria,</p>	205

tal que a nossa verdadeira  
 amizade por memoria  
 fique a gente estrangeira.

ORESTES Pois te me deu por amigo, 206  
 fortuna nada me deue  
 do mal que usou comigo:  
 o meu coraçam se atreue  
 a mais estando contigo.

Porque se de algũa sorte 207  
 nos vemos em abertura,  
 ou em perigo de morte,  
 vendo a ti em aventura  
 seria dous tanto forte.

PILADES Certa cousa he que ho amor 208  
 os corações fortalece,  
 e lhes da muy gram fauor,  
 e por isso se acontece  
 a moor perigo se por.

	Se dous amigos se vem	209
	nalgũ perigo metidos,	
	duas vidas a cargo tem,	
	e tambem em seus sentidos	
	ambos trazer se conuem.	
	Entam a força se esmalta	210
	pera fazerem dobrado.	
ORESTES	Ora pois ja nam nos falta,	
	mais que o tempo ser chegado,	
	pera esta empresa alta.	
	Do ceo ajuda espero,	211
	pois que em seu vituperio	
	se fez hũ caso tam fero,	
	e do celeste imperio	
	vira ho castigo mero.	
	E tu pois so es piadade,	212
	atar as mãos a vingança,	
	soltarmas a crueldade,	

como eu tenho esperança  
pera vingar tal maldade.

Se crueis, vendoas banhadas           213  
no sangue de minha may,  
te parecerem untadas,  
vendo ho que deuo a meu pay,  
piadosas seram chamadas.

Principalmente que ella                 214  
perde ho dereyto deuido,  
pois se maldiz com querela  
por me auer concebido,  
pollo qual desejo vela.

AYO                     Dizey que fazeis aqui,                 215  
se quereis antecipar  
este caso que hordi.

ORESTES             Nam: mas vimoste esperar  
por nam errarmos a ti.

AYO	Tendes a arca ordenada onde ha de ser fingido com maneyra simulada, que teu corpo vem metido.	216
ORESTES	Ja esta bem auiada.	
	Porem dinos, tem la crido as nouas de ser eu morto.	217
AYO	Todo esta ja bem comprido: e tua mãy com gram conforto, com ho que lhe ey mentido. Elecha faz muy gram pranto com aquestas nouas taes, tal que de grande quebranto me vim pera onde estaes.	218
ORESTES	Ora nam tardemos tanto.	
	E tu vay a consolala de seu pranto tam crecido:	219

a arca yremos busca-la,  
em que esta o corpo fengido,  
e tambem logo leuala.



em meu corpo parte algũa  
pera ja ferida dar.

Ja tem em mi consumido 223  
e mostrado seu poder,  
e meu corpo tam partido,  
que nam ha onde offender,  
assi ho tem tam ferido.

Ja sam liure de sua mão, 224  
pero com gram dano meu,  
fezme o pensamento vão,  
pois por derradeiro deu  
tal morte a meu bom yrmão.

Agora nenhũa esperança 225  
tenho com noua tam triste,  
desta morte e ma andança,  
de pesar minha alma viste,  
ver que nam tenho vingança.

Agora com alegria 226

a Clitennestra e Egisto  
verey falar cada dia  
nesta morte, e com isto  
crecera minha agonia.

Agora confirmaram 227  
ho seu muy çujo amor:  
e vingança tomaram,  
em quem ja foy servidor  
de meu pay Agamenam.

O soberano senhor, 228  
que nos ceos tões a morada,  
das injurias vingador,  
ouue a esta cuytada,  
da remedio a sua dor.

Tuas orelhas piadosas, 229  
onde escondidas as tões,  
com que ouues as chorasas:  
e senhor, porque nam vões

com tuas mãos muy yrosas:

Sobre estes taes maluados 230

castigar sua maldade,  
e seus nefandos pecados,  
sem temer tua magestade,  
tem quebrado teus mandados.

O senhor, nam pares mente, 231

que, nam auendo castigo,  
dam a entender a gente,  
que nam deues ser temido,  
que he gran inconueniente.

Manda sobre elles tua yra, 232

que pareça teu poder  
na terra, e ho rosto vira  
que possam os homẽs ver,  
que ho teu poder os gira.

Pois, senhor, es poderoso, 233

onde ha toda verdade,  
nam queiras ser piadoso  
aos maos: mas sua maldade  
castiga com rosto yroso.

CLIMINES                      Sossega, sossega, senhora,                      234  
hũ pouco tuas paixões:  
nam consintas cada hora,  
que em ti façam impressões,  
nem te sejas matadora.

ELECHA                      O como sossegarey,                      235  
pois que eu com meu amor  
a morte encaminhey  
a meu pay e meu senhor,  
porque tanto ho amey.

Meu pay, a quem eu amaua,                      236  
foy ho que morreo primeiro:  
e meu yrmão, a quem esperaua,

deste amor foy herdeiro,  
e de vello desejaua.

Ao senhor aprouuesse, 237  
pois em amar sam desditada,  
que comigo eu podesse,  
que de mi fosse amada  
Clitennestra, e ho fezesse:

Com Egisto, e sendo amados 238  
de mi fossem destroydos,  
e da terra desterrados,  
e das gentes muy corridos,  
pois tristes sam meus fados.

ETHRA Senhora, tem discriçam, 239  
onde esta tua mesura.

ELECHA Onde nam tenho paixam:  
porem minha desuentura  
temme cego ho coraçam.

ETHRA	Teus olhos volue atraz, que ca vem a mais andar tua yrmãa, e poderas com ella algo amansar esta congoxa, em que estas.	240
CHRISOTEMIS	Nouas te quero yrmãa dar, as mais a tua vontade, que podeste desejar: pois que tua liberdade eu a vejo começar.	241
ELECHA	Que nouas pode hi auer de descanso, ou de que sorte, se nam ouuerem de ser, as nouas de minha morte, que eu ja queria ver.	242
	Que alegria pode entrar em meu peito desditado, donde he senhor ho pesar:	243

e esta tam senhoreado,  
que ho nam posso deixar.

CHRISOTEMIS      Estas nouas sam, yrmãa,      244  
que Orestes he chegado,  
e chegou esta menhãa.

ELECHA      Nam viuo, mas sepultado:  
nem com sua cara sãa.

CHRISOTEMIS      Vindo he porque agora      245  
no templo vi a sepultura,  
em que nosso pay ja mora,  
com grinalda a figura  
que sobre elle esta de fora.

E ho sepulchro enrramado,      246  
e cheo de muytas flores:  
nam sey quem seria ousado  
de fazer estes primores,  
se Orestes nam for chegado.



so, pera em ty olhar  
com vontade, e de grado,  
se me queres escuitar,  
com sentido bem delgado,  
que tu me podes tirar 251  
de ter continua tristeza.

CHRISOTEMIS Bem podes yrmãa falar,  
eu te ouuirey com firmeza,  
se he pera te alegrar.

ELECHA Pois escuita atentamente 252  
ho que te aqui disser:  
como estamos juntamente,  
e nam tenhas que temer,  
das donas que estam presente.

Bem creo teras sabido, 253  
que ho pay que nos gerou,  
que era rey tam valido,  
sempre vontade tomou

de nos dar ambas marido:

E nos por em tal estado,                    254  
que fossemos mais sobidas,  
que no mundo fosse achado,  
acatadas e seruidas,  
sem ter de nada cuydado.

E agora, como tu ves,                    255  
de contino ameaçadas,  
sayndo tudo ho reues,  
de todos menosprezadas,  
nos tem debaixo dos pes.

Eu te rogo com amor,                    256  
que tu e eu com firmeza,  
sem nisso duuida por,  
que tomemos a empresa  
de matar este tredor.

Porque a nos mataram,                    257

se nos nam anticipamos:  
e memorias ficaram  
disto, se ho acabamos,  
de que exemplo tomaram.

E assi seremos auidas 258  
de todos por excelentes:  
doutra sorte somos tidas  
como mesquinhas seruentes,  
por fim mortas e feridas.

Nam te espantes do que digo, 259  
pois tua mãy, sendo molher,  
deu azo a seu amigo  
pera matar e offender  
a seu tam real marido.

E a quem ella deuera 260  
tirar de si os seus annos  
pera lhos dar, se podera,

e nam causar tantos dannos,  
como ma serpente fera.

Pois nos, porque nam teremos      261  
esforço pera os matar,  
e fazer ho que deuemos:  
e nam nos cumpre tardar,  
pera que isto ordenemos.

E se te a ti aprouuer      262  
de me teres companhia  
pera isto se fazer,  
muy perto temos a via  
pera consoladas ser.

CHRISOTEMIS      Donas, nobres e honradas,      263  
primeiro quero rogaruos  
que nisto sejaes caladas.

ETHRA      Em nos podeis confiaruos,  
Como em fieis criadas.



que por famas ymortaes  
nossa ma vida se dera.

Nem somos acostumadas 268  
de com as armas tratar,  
nem seriamos ousadas  
pera sangue derramar,  
ficando desamparadas:

De forças e sem abrigo, 269  
sem termos nisso mais feito,  
se nam pera auer castigo,  
pois nam pode auer effeito  
este caso como digo.

Mil vezes me veyo a mente 270  
ter fortuna ho poderio,  
que tem hũa gram corrente,  
que os que vam ao som do rio,  
nadam mais seguramente.

- E os que querem porfiar 271  
nadar pollo rio arriba,  
nam estan muyto sem cansar:  
e assi a agoa os sogiga,  
que se querem afogar.
- Pois tu tambem se quiseres, 272  
contra a fortuna nam sejas,  
porque se a obedeceres,  
aueras ho que desejas,  
se ho tu assi fezeres.
- ELECHA Em ninguem nam acho fe, 273  
e ninguem ja nam tem ley:  
o triste, pois assi he,  
a quem me socorrerey,  
que algũ remedio me de.
- CHRISOTEMIS Nam se chama a fe faltar, 274  
por te assi nam querer

ao que queres ajudar:  
que he lançarte a perder,  
sem ho que queres, cobrar.

ETHRA                    Clitennestra aqui vem,                    275  
por yssso calay, senhoras,  
que vos pode ouuir bem:  
nam vos tome a desoras,  
com que mais penas vos dem.

CLITENNESTRA    Elecha, a deos aprouesse,                    276  
que este teu crecido pranto,  
ja em rayua se voluesse,  
e em crecido quebranto,  
que tua vida fenecesse.

Tu nam deyxas passar ora                    277  
sem me dizer maldições,  
e como filha tredora  
dizes de mim os baldões,  
e a virtude que em ti mora.

	Dizes que eu to ouuira, foras bem auenturada e dizelo eu to vira, se a morte desastrada de teu pay em mi cayra.	278
	Taes cousas nam ousarias dizer, se aqui esteuesse Egisto, que ho pagarias: mas se cedo elle viesse, tirarmia de agonias.	279
ELECHA	Pois faze que presto venha o teu verdugo cruel matarme, e nam se detenha: porque minha alma fiel em isso mais gloria tenha.	280
	Pois a dyr pollo caminho, que foy a de Agamenam: e ho meu corpo mesquinho	281

tera gram consolaçam  
em ver, que he seu vezinho.

CLITENNESTRA Foy como elle mereceo, 282  
pois assi tam cruel morte  
elle a Yphigenia deu,  
e a Diana desta sorte  
seu corpo lhe offereceo.

Escreueome ho maluado, 283  
leuasse a triste donzela:  
e que Archiles, ho esforçado,  
queria casar com ella:  
tendo la al acordado.

E la me manifestaram 284  
ho que tinham acordado:  
e dos braços ma tiraram,  
e a Diana, sem meu grado,  
logo a sacrificaram:

dizendo ter em poder 285

Diana todos os ventos,  
pera os fazer deter:  
e que por premio dos tempos  
queria seu sangue auer.

Vendo que nam se escusaua 286

por meu rogo de a matar,  
com ella me abraçaua,  
e lagrimas de pesar  
com as suas mesturaua.

Dos peitos me foy tirada, 287

e seu colo de marfil  
e garganta foy cortada  
com cutelo muy sutil,  
e a deosa sacrificada.

E ysto por mim olhado 288

com temor, que nam fizesse

assi outro tal recado  
em os filhos que teuesse,  
foy melhor ser sepultado.  
Mas aos deoses aprouuera, 289  
pois taes auieis de ser,  
que eu ho tal nam fezera,  
mas antes bem lhe querer,  
pera que a morte vos dera.

ELECHA Muy facil cousa seria 290  
saberte eu responder,  
mas a licença queria.

CLITENNESTRA Dize ho que queres dizer,  
farta tua fantasia.  
Nam te vas a outro lugar, 291  
onde com mais dano meu  
te ponhas a praguejar:  
pollo qual te quero eu  
atentamente escuitar.

ELECHA                    Ja tu sabes que estaua                    292  
em Aulide ho gram real  
dos Gregos, e nam passaua  
a Troya, por nam ventar  
ho vento que se esperaua.  
E Diana demandou,                    293  
por premio de lhe dar tempo,  
ho sangue, que se outorgou,  
de Yphigenia: e ho vento  
nessa ora logo ventou.  
  
E nam foy ysto fengido                    294  
como tu dezas agora,  
tendo por baldam crecido,  
de ser ella a causadora  
de ho viagem ser comprido.  
Se nam podiam nauegar,                    295  
nem a viagem comprir,

nam he pera estranhar,  
pera que podessem yr,  
a Yphigenia matar.

Que nam era cousa boa, 296  
que em mais preço se teuesse  
a vida de hũa pessoa,  
que a honrra e interesse,  
que veo a grega coroa.

Porque eu ouui dizer, 297  
que leuandoa dezia  
nam ter em nada morrer,  
pois que por ella podia  
toda Grecia honrrada ser.

Nam sey como dizes ora, 298  
que hia muda a padecer;  
e posto que assi fora,  
nam deuera de morrer

meu pay de morte tredora.  
Fazes maa ley pera ti, 299  
todos gram culpa te dam,  
que despois de morto assi  
ho triste de Agamenam,  
mayor culpa ouue ahy.

A qual foy tu te casar 300  
com Egisto matador:  
e das tambem a demostrar  
encenderte ho çujo amor,  
pera isto se ordenar.

Assi que minhas querelas 301  
sam muy justas e fieis,  
e por isso foges dellas:  
e as tuas mãos crueis  
causaram auer de tellas.

Bem sey que este sera 302

caminho da sepultura.

CLITENNESTRA Melhor estarias la,  
que ca dandome tristura  
com tua lingoa tam maa.

ELECHA Todos tristura te dam, 303  
os que aborrecem maldade:  
e contigo bem nam estam,  
os que amam a bondade,  
nem jamais ho estaram.

CLITENNESTRA Mor maldade pode auer, 304  
que a mi, que te criei,  
ynjurías sem temer,  
a pena que te darei,  
e ho que pode meu poder.

Mas eu sam nisto omecida, 305  
pois que com tanta brandura  
te tenho tanto sofrida,  
nam te dando morte dura,

com que fosses fenecida.

ELECHA                      Nunca me ey darrepender,                      306

antes sempre me aqueixar,  
porque nam tenho poder,  
nem em mi se pode achar  
as forças que ey mester.

Porque se as eu teuera.                      307

CLITENNESTRA      Dizeme, o que fezeras.

ELECHA                      Se eu fazelo podera,  
tu e Egisto nam teueras  
mais vida sobre a terra.

CLITENNESTRA      O besta muy furiosa,                      308

tões tanto atreuimento,  
que essa vontade danosa  
ousas ter no pensamento,  
dize, serpente rayuosa.

Taes cousas bastantes sam                      309

pera eu nam ser culpada  
em toda terminaçam,  
que sobre ty for tomada  
de aquesta tua treičam.

Vamonos sem mais tardar, 310  
e ho encenso queimaremos,  
Chrisotemis, no altar,  
onde a deos rogaremos,  
que me aparte de sonhar.

CHRISOTEMIS Yrmãa, vejote em estado 311  
que as mester companhia:  
e eu nam posso mal peccado,  
que gram pena me daria,  
minha mãy sendo auentado.

ELECHA O soo e desemparada, 312  
que farey em esta vida,  
de tantas penas cercada,

e de males perseguida,  
que me tem atormentada.  
Todos em suas mães tem 313  
comum repouso de amor,  
e assi nos yrmãos tambem:  
e eu na minha acho dor,  
e em minha yrmãa desdem.

Pois dizeime, que farey, 314  
triste de mi desta sorte,  
a quem me socorrerey,  
se nam for a triste morte:  
mas nam sey se a acharey.

CLIMINES Ja, senhora, nam sabemos 315  
nos outras, que te digamos:  
pois que tuas paixões vemos  
mores, do que nam cuydamos,  
nem conselho que te demos.

	Nem temos ja pensamento de te ho choro refrear: mas nelle te acompanhar, como quem com muyto vento perde ho tom do gouernar.	316
ELECHA	Algo me aueis consolado em ter meu mal por crecido: mas dizey, tendes sabido de outro tam desastrado, que ouesse acontecido.	317
ETHRA	Amphiarao foy semelhante, que Erifile, sua molher, a Ermione ho foy vender, nam sendo nada constante, por honde ho fez morrer.	318
ELECHA	Erifile foy castigada.	319
ETHRA	Hũ seu filho a matou.	
ELECHA	Pois tal morte foy vingada,	

consolaçam nam faltou,  
como a mi desuenturada.

ETHRA                    Deos sabe parte do tempo,                    320  
que vira de mal ou bem,  
descansa ja teu tormento.

CLIMINES                Quem sam estes que ca vem,  
que trazem este muymento.

*Sena setima*<sup>42</sup>, em que se contem

ORESTES. CLIMINES. ETHRA. ELECHA. CLITENNESTRA.

EGISTO. AYO.

ORESTES                      Qual he a casa triunfante                      321  
de Egisto, dizey, senhora.

CLIMINES                      Esta que tendes diante,  
e ao presente nella mora.

ORESTES                      Pois nam vamos mais auante.

ETHRA                              Dizeynos ora de grado,                      322  
que buscaes.

ORESTES    Aqui trazemos  
hũ presente desejado:  
a Clitennestra queremos  
dalo, como he mandado.

ETHRA                              Dizeynos por vossa fe,                      323  
que dom he esse sobido.

ORESTES                              O corpo de Orestes he,

o qual vem aqui metido,  
 pera que a ella se dee.

ELECHA                      Pondeme aqui esse corpo,                      324  
 eu vos rogo mensageiros,  
 abraçalo ey se quer morto,  
 pois que meus tristes marteiros  
 ja nam podem auer conforto.

Chorarey com elle a cayda                      325  
 desta casa e ma andança,  
 chorarey, pois he perdida  
 toda minha esperança,  
 e de todo fenecida.

ORESTES                      Por seruiço te fazer,                      326  
 e tambem por vir cansado,  
 a arca quero decer:  
 aqui vem embalsamado,  
 mas nam ho poderas ver.

ELECHA	<p>O meu desditado yrmão,  toda minha confiança,  de te ver sayo em vão,  a vires tomar vingança  desta tam grande treyçam.</p>	327
	<p>Es tu aquelle por ventura,  que auias de ser reparo  desta casa, e desuentura:  honde esta teu rostro craro,  e a tua fermosura.</p>	328
	<p>Assi frio e sem feruor  a teus imigos vões ver,  tendote tal desamor,  metestete em seu poder  pera me dar mayor dor.</p>	329
	<p>Assi te traz minha sorte,  mudo, que nam me respondes:  porque nam vões, cruel morte,</p>	330

matarme, e de mi tescondes,  
porque mais me desconforte.

Meu peito me resgay ja, 331  
furias, que em mi moraes:  
e minha alma sayra,  
donde a vos atormentaes,  
e nos ares voara.

Porque se possa apartar 332  
dos olhos, que tanta dor  
nam cessam de lhe mostrar,  
porque nam lhe tem amor,  
jamais a querem deixar.

CLIMINES O palauras de piadade, 333  
que ellas mesmas moueram  
a natural crueldade  
de auer disto compaixam,  
e desta tam gram maldade.

ELECHA                      Mas muy bem considerado,                      334  
fora estas da aduersidade,  
e em porto nauegado:  
e eu estou na tempestade  
deste mundo tam coytrado.

A vida he mar de fortuna,                      335  
que a fortuna traz yrado:  
e ho porto a sepultura,  
que os que tem ja nauegado  
nella recebem folgura.

Tu, sepultura, es morada,                      336  
dos que fortuna quis bem,  
em ti ha gloria folgada,  
e em ti descanso tem  
da fortuna ja passada.

Em ti nam moram cuydados,                      337  
em ti nam vãa esperança,

tu es dos atribulados  
a verdadeyra folgança,  
e remedio dos penados.

A tua porta ham de yr chamar,           338  
aquelles que siso tem,  
e deues de agasalhar,  
aos que quiseres bem  
e em ti pousadas lhe dar.

CLIMINES

Deyxa leuar esse corpo,                   339  
porque recibes mais dor  
em ho veres assi morto.

ELECHA

Honde quer que elle for,  
yrey eu sem ter conforto.  
Rogouos com affriçam,                   340  
que me deyxees repousar  
aqui sobre meu yrmão,  
que em ho ter aqui apar  
recebo consolaçam.

CLIMINES	Modo he de amansar ho crecido sentimento, se a dor deyxam passar, seu primeiro mouimento, despois vem a descançar.	341
ORESTES	Dizey, dona, por mesura, he Elecha esta senhora.	342
CLIMINES	Esta he a sem ventura.	
ORESTES	Nam a conheci ate gora, vendolhe sua figura.	
	Esta vi ja tam fermosa, e com tam lindo despejo, que sua cara graciosa a muytos daua desejo de a terem por esposa.	243
	E entonces parecia, que hũ claro resplandor de sua cara saya,	244

nam tendo nella tristor,  
mas continua alegria.

Vejoa agora tam mortal, 345  
que nam ha quem a queira ver,  
tam disforme e desigual,  
se nam quem lhe bem quiser  
por em virtude ser tal.

ETHRA Nam te deues espantar 346  
de a veres tal tornada,  
que segundo seu pesar  
na sepultura enterrada  
nam era muyto de estar.

ORESTES Quem lhe da tanta paixam. 347

ETHRA A memoria de seu pay,  
e a morte de seu yrmão.

ORESTES Dizey, ella nam tem may,  
que lhe de consolaçam.

ETHRA	Mas dalhe pena crecida.	348
ORESTES	Dizeyme porque rezam.	
ETHRA	Por chorar com dor sentida a morte de Agamenam, que ja deueis ter sabida.	
	Tambem por auer liurado a seu yrmão por ser vingada, a Egisto ha indignado, tal que vida muy penada de lhe dar tem procurado.	349
	E temna ameaçada de em prisam a ter metida, e alli nam ser vesitada de nenhũa alma nacida, por lhe dar pena dobrada.	350
ORESTES	O donzela aflegida, de mil bões merecedora,	351

pouuesse a deos que a vida  
me custasse nesta ora,  
por te ver daqui sayda.

ELECHA                   Ho que ouço, he assi,                   352  
por ventura a piadade  
he chegada agora aqui.

ORESTES                Justa cousa he com verdade  
auer compaixam de ti.

Porque tu tões merecida               353  
da fortuna boa andança:  
e eu vejote cayda  
sem nenhũa esperança,  
debaxo seus pees metida.

ELECHA                O hũ so no mundo, em quem           354  
mora justiça e verdade,  
pois conheces mal e bem,  
nam te falte piadade  
pera mi, pois nam conuem.

	Em me dizeres quem es,	355
	pera que teu nome tenha	
	na memoria sem reues,	
	porque por tempo te venha	
	ho pago de ser cortes.	
ORESTES	Sam hũ homẽ, que nauega	356
	em a sua sepultura,	
	no mar da fortuna cega.	
ELECHA	Tal reposta he muy escura,	
	e a meu saber se nega.	
	A fortuna e a vida,	357
	dize, que tem que fazer	
	na sepultura metida,	
	com que me fazes perder	
	a esperança por mi tida.	
	De ser liure de querelas,	358
	e de minha desventura,	
	pois que eu fugindo dellas	

me encerram na sepultura,  
sem aue remedio a ellas.

ORESTES                      Em a sepultura estam,                      359  
   nam mortas, mas encubertas,  
   pera que sem ter paixam  
   acabem as jornadas certas,  
   que limitadas lhe sam.  
   Mas depois sendo chegadas                      360  
   Ao seu seguro porto,  
   seram bem manifestadas,  
   dando espanto e conforto,  
   quando forem declaradas.  
  
   E se te a ti ho pesar                      361  
   nam teuesse escurecida  
   conhecermias sem tardar.  
ELECHA                      Estrangeiro, por tua vida  
   que te queiras declarar:

que minh alma atribulada, 362  
com diuerso pensamento,  
nam esta tam aclarada  
com lume de entendimento,  
pera que te entenda nada.

ORESTES Se te dissesse quem sam, 363  
ho chorar ja cessarias  
ho corpo de teu yrmão,  
nem por elle te darias  
a tanta tribulaçam.

ELECHA Pois se teu nome he tal, 364  
que por elle deixaria  
de chorar tam grande mal,  
outro contrairo queria  
pera as lagrimas dobrar.

Deyxame a consolaçam, 365  
que me da a piadade,

que tem ho meu coração.

ORESTES            Se soubesses a verdade,  
                           nam terias tal paixam.

ELECHA            Ay que muy gram esperança            366  
                           com isso se me offerece:  
                           mas tenho desconfiança,  
                           que despois eu a perdesse,  
                           sendo algũa bonança.

                          E nam queiras renouar            367  
                           minhalma a penas mayores:  
                           mas pois que ves meu pesar,  
                           tirame de tantas dores  
                           com teu nome declarar.

ORESTES            Meu nome eu to diria,            368  
                           mas as donas que aqui estam,  
                           que ho soubessem nam queria.

ELECHA            Nam te temas, porque sam,  
                           mais fieis do que compria.

ORESTES	Pois este anel reconhece, e por elle ho saberas.	369
ELECHA	Este de meu pay parece, mas nam creio que seras aquelle que ho ouuesse. Eu ho dey a meu yrmão, porque vendoo renouasse a morte de Agamenam, porque a vingar tornasse sua morte com treiçam.	370
	E porque quando voluesse, se viesse demudado, que por elle o conhecesse, nam cuydando que meu fado assi morto mo trouxesse.	371
ORESTES	Pois olha yrmãa agora, reconhece minha cara que Orestes sam, senhora.	372

ELECHA

O liberdade tam clara  
da tristeza que em mi mora.

Em teu nome me dizer 373  
nam foy mais que me liurar  
da morte, que ey de morrer,  
a qual me vinha buscar,  
por eu a tua saber.

Ja a tua cara bem vejo, 374  
possome chamar ditosa,  
pois se comprio meu desejo:  
ja minha vida chorosa  
toma prazer e despejo.

O poderoso senhor, 375  
que o justo demandar  
concedes ao pecador,  
e de ti desconfiar  
he muy iniquo error.

O tanto alegre dia, 376  
que noite triste e escura  
pouco ha me parecia,  
em meus annos tal ventura  
por memoria ficaria.

Parece que este prazer 377  
auia de ser tam grande,  
tal que ouuesse mester  
que ho coração de si mande  
outros pera ho receber.

Amigas, que vos parece 378  
de minha fortuna boa.

CLIMINES

Tua virtude a merece  
com hũa real coroa,  
que te a fortuna desse.

Empero tanta alegria 379  
nam des a entender a gente,

porque se descobriria,  
ho que tam discretamente  
encuberto se trazia.

ELECHA                      Como se pode encubrir,                      380  
ho que de dentro nam cabe.

ORESTES                      Nam to ajam de sentir,  
porque se se ysto sabe,  
por morto me as de carpir.

Que se te virem prazer,                      381  
ho qual tu com minha morte  
sabem que nam podes ter,  
serey sentido, de sorte  
que me vejas fenecer.

ELECHA                      Posesteme tal temor,                      382  
que farey ho que mandaes:  
mas, yrmão, por meu amor  
vos rogo que me digaes,  
de vossa vida ho que for.

ORESTES	Essa conta nam conuem que te de em tal lugar, mas largo tempo nos vem pera ta eu poder dar, de meu mal e de meu bem.	383
AYO	Vos outros que assi trazeis esse corpo apresentar, nos lugares que sabeis, que ham de tomar pesar, trazeyo, ja nam tardeis.	384
	Porque com vossa tardança duuida minha embaixada.	385
ORESTES	Irmãa, nam façás mudança: mas por via semulada chora com minha lembrança.	
ELECHA	Anday mensageiros ja, e esse corpo levay,	386

onde gram prazer fara:  
yde presto, e tornay  
polla triste que assi esta.

Sua mãy vereis estar 387  
alegre sobre seu corpo,  
cousa bem pera notar,  
que em ver ho filho morto  
ella se aja de alegrar.

CLIMINES Ja deuem de ser chegados, 388  
onde Clitennestra esta.

ELECHA Temo nam sejam ventados  
por algũa dita maa.

CLIMINES Nam ho quereram teus fados.

Ho teu grande desejar 389  
de te veres ja vingada,  
gram temor te ha de dar.

ELECHA Dizes verdade prouada.

CLIMINES	Pois nam cesses teu chorar.	
ELECHA	O yrmão, ja estaras, onde eu ja esteusses assi morta, como estas, porque meu sepulchro desse a mãy, que taes obras faz.	390
	Que justa cousa seria de hũa tal mãy estar, onde os filhos ver queria.	391
CLITENNESTRA	Gentes, vindeme ajudar, que a morte diante via.	
ETHRA	Ouues, senhora, os brados que Clitennestra ja da, de choro acompanhados.	392
ELECHA	Claramente os ouço ca: o como eram desejados.	
CLITENNESTRA	O como podes tirar,	393

Orestes, a mim a vida,  
pois que em mim a foste achar.

ELECHA                    Como fora consumida  
tendo tu tempo e lugar.

CLITENNESTRA        O tredor, como ousaste,                    394  
tirar sangue de meu peito,  
donde tu leite tiraste,  
deuendolhe ser sogeito,  
pois com elle te criaste.

ETHRA                    No peito a tem ferido:                    395  
cruel cousa he ouuila.

ELECHA                    Nam he espanto crecido  
Orestes nelle ferila,  
pois ho tem aborrecido.

CLITENNESTRA        Pois que em os ceos nam ha,                    396  
quem estorue esta maldade,  
a vos furias deixo ca,  
que desta gram crueldade

me vingueis, pois mouro ja.

ETHRA	O casa desuenturada, chea de mortes e brados, de sangue toda banhada daquelles desuenturados, que a vida perdem a espada.	397
ELECHA	Ex Orestes aqui vem, sangrenta a mão e punhal.	398
ORESTES	Ja, Elecha, nam conuem temer que te faça mal tua mãy que ho pago tem.	
	Neste punhal podes ver sangue de seu coraçam.	399
CLIMINES	O cousa pera temer, que em cuydalo traz paixam, e ho corpo faz tremer.	
ORESTES	Tu, Elecha, porque choras,	400

pesate polla ventura,  
do que tenho feito agora:  
nam tomes disso tristura,  
mas prazer mostra de fora.

ELECHA	Orestes, nam choro eu a sua morte tam fera, se nam porque a mereceo: e tal exemplo nam dera como ella de si deu.	401
ETHRA	Senhores, que vem Egisto.	402
ELECHA	Escondete, yrmão, de sorte que delle nam sejas visto, pera que entrando, a morte tu lhe des sendo peruisto.	
ORESTES	Pilades, vente comigo.	403
EGISTO	Onde estam hũs estrangeiros, que Phanoteo, meu amigo,	

manda a mi por mensageiros  
 com Orestes, meu imigo.

ELECHA                    A mi deues preguntar,                    404  
                                  porque a mi soem primeiro  
                                  as mas nouas de chegar.

EGISTO                    Pois viste este mensageiro,  
                                  e em que parte pode estar.

ELECHA                    Aqui hũ homẽ chegou,                    405  
                                  e que Orestes era morto  
                                  a Clitennestra contou:  
                                  e despois com ho triste corpo  
                                  dahy a pouco tornou.

                                 E agora sua estada                    406  
                                  com Clitennestra sera,  
                                  que veras pouco penada:  
                                  mas de alegria tera  
                                  sua figura mudada.

	Vay tu terlhe companhia, e eu ficarey chorando ho morto com agonia, muy triste vida tomando, que te sera alegria.	407
EGISTO	Grande he teu contumaz, pois te nam das por vencida da fortuna, que te faz tanta guerra: e consumida com ho choro ja estas.	408
ELECHA	Forçada cousa sera, se por vencida me dee.	409
EGISTO	Ja se te nam tomara em conta, pois assi he, tua inclinaçam tam maa. E logo em pago, da qual tu receberas tal vida, que se saiba quanto val,	410

e quanto ha de ser temida  
hũa pessoa real.

Vos, donas, mandai fazer, 411  
que se nam veede a entrada  
desta porta, a quem quizer,  
porque todos sem mais nada  
este morto venham ver.

Porque se vam apagando 412  
os maos desejos, que auia  
ja contra mi, confiando  
que ho seu Orestes viria,  
e temeram ho meu mando.

O casas, onde meus dias 413  
eu passaua com temor  
e as noites de agonias,  
entrem com muyto feruor  
em vos outras alegrias.

Vivirey muy descansado 414  
nesta alegre morada,  
de meus imigos vingado,  
com a minha muito amada  
gozando ho real estado.

De armas ja nam he tempo, 415  
se nam de prazer buscar,  
e muyto contentamento  
com Clitennestra tomar:  
yr quero a seu aposento.

Quem he este demudado, 416  
que tira de seu punhal:  
o triste, desuenturado,  
deue dauer algũ mal,  
que de sangue vem manchado.

ORESTES Assi merecem taes reis 417  
em ho seu ser recebidos.

EGISTO	De que maneira.	
ORESTES	Da que vereis.	
EGISTO	O mancebos atreuidos, ho castigo nam temeis, que dos meus podeis auer.	418
ORESTES	Nam he teu, que he furtado.	
EGISTO	O triste desuenturado, bem vejo que estou em poder de meu imigo prouado.	
	Agora acabo de ver, que da maneyra que vay, tu Orestes deues ser: da virtude de teu pay memoria deuias de ter.	419
ORESTES	Quanto elle foy melhor, tanto mais mereces morte.	420
ELECHA	O yrmão, por meu amor, que com animo muy forte	

mates ja esse tredor.

Se de tua mãy matar 421  
algo cançado estauas,  
dame ca esse punhal,  
darlhe ey mil punhaladas,  
sem hũ momento passar.

ORESTES Nam he este ho lugar, 422  
onde elle ha de morrer:  
antes vamolo leuar,  
onde nosso pay jouuer,  
e sobre elle ho degolar.

Porque vendo esta vingança 423  
lhe seja a morte dobrada.

EGISTO Leuayme sem mais tardança,  
que a hora limitada  
de morrer muyto me cansa.

ORESTES Queremos atormentarte 424

de tormento mais dobrado,  
e hũ pouco assi deixarte,  
porque cuydes no estado,  
em que estas por mais matarte.

EGISTO                      Tirayme presto a vida,                      425  
   pois que ma não quereis dar.

ELECHA                      Deuelhe ser concedida  
   a morte sem mais tardar,  
   que a tem bem merecida.

E tu, yrmão, nam lha negues,                      426  
   cumprelhe sua vontade  
   ho mais presto que poderes,  
   porque a aduersidade  
   nam nos tolha estes prazeres.

E assi nos te seguiremos                      427  
   indo de nosso espaço.

ORESTES                      Sem tardar logo leuemos:

tem, Pilades, desse braço,  
e seu galardam lhe demos.  
EGISTO Coroa e grande estado, 428  
laços que sois de morrer,  
ficay com ho laço armado  
dos outros a escarnecer,  
que comigo he acabado.

Fim.

## Exortação do autor aos lectores.

Atenta agora, discreto lector,  
nestes que assi sua vida acabaram,  
e como tam cruamente pagaram  
ho que merecia seu grande error.  
Atente agora todo gram senhor,  
pera<sup>43</sup> que ande bem acompanhado,  
que pollo<sup>44</sup> tirarem de ter seu estado  
lhe<sup>45</sup> perderam muy rijo ho amor.

Atente tambem toda sabia molher  
a Clitennestra, que foy tam maluada,  
a morte que ouue tam desastrada,  
sem seu estado lhe a isso valer.  
Procurem todas de gram amor ter  
a seus maridos, e telos amados,  
nam lhe aconteçam tam desastrados  
casos, que aqui se podem bem ver.

Atentem tambem as nobres donzellas  
na grande virtude, que Elecha teue,  
como aqui nesta obra se escreue,  
seus choros, seus prantos, e suas querelas.  
Atentem tambem todas aquelas  
que a fortuna traz em balança,  
que se em Deos tem sua esperança,  
lhes da o remedio, que desejam ellas.

Fim.

Atente tambem todo sabio varam<sup>46</sup>  
na amizade tanto crecida  
de Orestes e Pilades, que a sua vida  
por elles quis por em tal condiçam:  
tomem exemplo em esse, e veram  
ho muy grande bem que he hũ amigo,  
que sendo com este, em todo perigo,  
consigo a pes juntos contino acharam.

A presente obra foy acabada  
de em nossa lingoagem se traduzir,  
a quinze de março, sem nada mentir,  
na era do parto da virgem sagrada,  
de mil e quinhentos, sem errar nada,  
e trinta e seis, falando verdade,  
no Porto, que he muy nobre cidade,  
e por Anrrique Ayres foy tresladada.

Aqui fenece a Tragedia de Orestes tirada  
de Grego em lingoagem Portugues, e troua-  
da. Foy impressa na muy nobre e sempre leal  
cidade de Lixboa per Germão Ga-  
lhardo impressor<sup>47</sup> del Rey nosso  
senhor. Acabouse aos .vj.  
dias de Nouembro de  
mil e quinhentos  
e cincoenta e  
cinco annos.

Fim.

---

<sup>37</sup> primeira] .j.  
<sup>38</sup> terceira] .iij.  
<sup>39</sup> Chrisothemis  
<sup>40</sup> Clitemnestra  
<sup>41</sup> Crissotemis  
<sup>42</sup> Sétima] .vij.  
<sup>43</sup> para  
<sup>44</sup> polo  
<sup>45</sup> lhe] he  
<sup>46</sup> baram  
<sup>47</sup> Impressor.



## VARIANTES DO PALEÓTIPO

1, 3, descance.	55, 1, Jndo.
2, 2, desoutra.	59, 3, aborrece.
3, 3, o – Jo.	64, 5, piedade.
3, 5, nila.	66, 4, ordenados <i>em vez de</i>
5, 4, descancem.	ordenadas, <i>por causa da</i>
7, 2, yrmaã.	<i>rima.</i>
9, 1, razam.	68, 2, muito.
9, 2, may.	68, 4, nam conheceo (?).
10, 3, faz] <i>leia-se</i> fez.	69, 5, deshumanos (?).
10, 4, desigoal.	70, 1, affriçam, <i>leia-se</i>
13, 2, assy.	affliçam.
13, 4, polos.	71, 1, señora.
14, 2, impresa.	71, 5, terrible] <i>leia-se</i>
17, 4, muita.	terriuel.
23, 3, descuidaram.	74, 2, desuara] <i>desuaira</i> (?).
26, 5, desejoso] desejo.	74, 5, reçebamos.

28, 2, arca] cayxa.	75, 1, Jrmãs.
29, 2, o.	76, 1, melhor.
29, 4, jr.	79, 1, melhor.
34, 4, sepuchro.	79, 3, pola.
37, 4, lauors.	86, 2, tês.
38, 5, pena.	93, 1, Jdo.
39, 4, muita.	94, 1, jrmaã.
42, 1, may.	95, 3, my.
44, 2, abominable] <i>leia-se</i>	97, 1, jrmão <i>bis</i> .
abominavel.	97, 5, pello.
44, 5, inefable] <i>leia-se</i>	98, 2, may.
inefavel.	98, 4, todo.
45, 2, vencedor.	99, 1, o.
46, 1, quẽ – ofende.	99, 2, o – o – tês.
47, 5, violencia (?),	99, 4, detês.
102, 4, melhor.	99, 5, vês.
105, 1, may.	100, 1, tês.
105, 3, preualeçe.	101, 2, o.
106, 5, pertença.	166, 5, yzento.

109, 1, may.	167, 2, teue] <i>leia-se</i> tiue.
109, 3, impedir.	167, 4, may.
110, 1, melhor.	168, 2, seguro.
112, 1, Di] <i>por</i> dize.	169, 5, sepuntura.
112, 5, conçerto.	170, 1, melhor.
113, 4, ha.	170, 3, o.
116, 2, desejada] he desejada (?).	172, 1, sei – jllustres – barões.
116, 4, cumpre.	172, 2, hordenaram.
118, 2, jrmaã.	173, 4, bõas.
120, 3, ate [até (?).	177, 1, seu] sem.
121, 1, jrmaã.	181, 4, companhia.
122, 1, Chrissotemis.	182, 5, cudar.
122, 4, cudalo.	183, 3, arca] cayxa.
123, 1, deixar.	183, 4, piedade.
127, 5, vellas.	184, 1, Jssó.
129, 1, jrmaã.	186, 1, melhor.
129, 2, para.	187, 1, messageiro.
130, 1, para.	188, 4, dellas.

131, 2, sera.	191, 5, tês.
134, 4, pelo.	196, 2, parece.
136, 1, Jrmaã.	196, 4, florece.
137, 4, ho] he (?).	198, 2, ha.
138, 1, nam] na.	199, 4, instante] estante.
138, 3, não.	206, 3, vsou.
139, 3, honor] <i>leia-se</i> honrra.	208, 1, o.
142, 1, Jrmaã.	212, 1, piedade.
143, 3, que lhe] he lhe (?).	213, 3, vntadas.
144, 1, velão.	214, 5, pello.
145, 4, deixa.	216, 1, arca] cayxa.
145, 5, descuidar.	221, 5, furtuna.
147, 1, may.	223, 3, tam] tem (?).
147, 4, mereçedora.	225, 4, viste] veste (?).
153, 2, muito.	231, 1, pares] paras (?).
156, 4, cercado.	232, 1, eles.
156, 5, apartado.	232, 5, o.
160, 3, asinalado.	234, 1, sosega <i>bis</i> .
163, 2, para.	234, 4, imprêsões.

163, 3, piedade.

164, 4, alêgria.

244, 3, menhã.

249, 2, se] so (?).

249, 3, o.

249, 4, feneço.

250, 1, Crissotemis.

250, 4, escutar.

253, 2, o.

258, 2, exelentes.

259, 1, não.

260, 1, diuera.

260, 4, dannos] dānoo.

262, 2, companhia.

262, 5, consolados.

264, 5, varam.

265, 5, polo.

266, 5, ensejo] asejo.

267, 1, nam (?).

236, 4, heredeiro.

240, 3, jrmaã.

240, 5, em] em.

241, 1, jrmã.

244, 1, jrmã.

306, 4, my.

307, 5, mays.

310, 2, encêso.

311, 1, Jrmaã.

311, 5, may.

313, 5, yrmã.

315, 4, morres.

315, 4, cuidamos.

316, 3, nele.

316, 5, o.

318, 3, o.

318, 5, o.

323, 5, para.

326, 3, arca] cayxa – deçer.

270, 4, vão.	328, 5, fremosura.
270, 5, seguramenre.	329, 2, vês.
271, 1, porfiar] perfiar (?).	330, 2, vês.
271, 2, pello.	331, 5, boara.
275, 2, isso.	335, 3, o.
276, 3, boluesse.	338, 1, jr.
279, 4, çedo.	338, 5, ty.
281, 1, pelo.	340, 1, affriçam, <i>leia-se</i>
281, 3, o – mezquinho.	affliçam.
282, 3, Ephigenia.	340, 2, deixes.
283, 1, o.	340, 3, jrmão.
283, 3, o.	341, 3, deixam.
284, 5, a sacrificaram] sa	347, 2, memoroa.
acrificaram.	347, 3, jrmão.
288, 1, isto.	347, 4, mãy.
288, 5, melhor.	349, 2, jrmão.
291, 5, escutar.	351, 2, bês.
292, 2, aluide.	352, 1, assy.
292, 5, o.	352, 2, piedade.

293, 4, Ephigenia.  
294, 1, isto.  
294, 3, baldon.  
294, 5, viage.  
295, 5, Ephigenia.  
296, 1, bõa.  
300, 5, hordenar.  
302, 3, melhor.  
304, 3, injurias.  
372, 4, libertade.  
379, 4, o.  
380, 4, isto.  
382, 3, jrmão.  
385, 3, jrmaã.  
387, 1, may.  
387, 2, allegre.  
389, 1, ho] o.  
390, 1, jrmão.  
390, 5, may.

353, 1, tês.  
354, 3, conheçes.  
354, 4, piedade.  
355, 3, memora.  
358, 4, ençerram.  
359, 3, para.  
360, 3, manifestada.  
362, 5, para.  
365, 2, piedade.  
365, 1, deixame.  
369, 2, o.  
371, 5, troxesse.  
415, 3, muito.  
415, 5, jr.  
417, 1, assy.  
417, 4, atrauidos.  
419, 2, meneira.  
420, 1, melhor.  
420, 3, jrmão.

391, 2, may.

395, 4, ferilla.

398, 5, may.

402, 2, jrmão.

409, 2, dee] de.

412, 5, o.

423, 3, leuaimé.

423, 5, muito.

425, 1, tiraime.

426, 3, o.

TERMINOU A IMPRESSÃO

Aos 20 de Maio de mil novecentos e dezóito

NOS PRELOS DA

IMPrensa NACIONAL DE LISBOA

ISBN: 978-1-300-83349-9